



A hipótese do “concomitante-dependente” como resposta freudiana ao problema mente-corpo no início dos anos 1890

The “dependent concomitant” hypothesis as a freudian solution to the mind-body problem in the early 1890s

Caio Padovan¹

Resumo: Em meio a uma discussão sobre a localização cerebral dos fenômenos psicológicos, Freud propõe em 1891, em seu trabalho sobre as afasias, a chamada hipótese do “concomitante dependente”. Segundo esta hipótese, atribuída pelo autor ao neurologista John Hughlings Jackson, os estados mentais serão considerados como distintos, não redutíveis e paralelos aos processos cerebrais, não havendo relação causal entre ambos. Entendendo que estes princípios constituem resposta possível ao problema mente-corpo, nosso objetivo neste artigo será situar a posição assumida por Freud no interior deste debate filosófico durante a segunda metade do século XIX. Para tal, nosso trabalho será dividido em três partes: em um primeiro momento 1) abordaremos alguns antecedentes deste debate nos dedicando ao estudo da noção de psiquismo durante as primeiras décadas do século XIX. Na sequência, considerando a emergência e a consolidação do paradigma monista e materialista a partir dos anos 1820, 2) discutiremos o surgimento de duas posições distintas, o localizacionismo e o funcionalismo. Por fim, nos aprofundando na segunda destas posições, dita funcionalista, 3) buscaremos demonstrar o vínculo da hipótese freudiana a uma determinada tradição neurológica de língua inglesa, em grande medida orientada pelos trabalhos do filósofo escocês Alexander Bain.

Palavras-chave: História da psicanálise; Problema mente-corpo; Filosofia da mente; Recepção filosófica da psicanálise.

Abstract: In the midst of a discussion on the cerebral location of psychological phenomena, Freud proposes in his work on aphasia (1891) the so-called “dependent

1 Professor de Psicologia clínica (ATER) na *Université Paul Valéry Montpellier 3*, França. Pesquisador associado ao *Centre de Recherche Psychanalyse Médecine et Société* (CRPMS).

concomitant” hypothesis. According to this hypothesis, attributed by the author to the neurologist John Hughlings Jackson, mental states will be considered as distinct, not reducible and parallel to brain processes, with no causal relationship between them. Understanding that these principles constitute a possible response to the mind-body problem, our objective in this article will be to situate the position assumed by Freud within this philosophical debate during the second half of the nineteenth century. To this end, our work will be divided into three parts: first 1) we will approach some antecedents of this debate by focusing on the study of the notion of psychism during the first decades of the nineteenth century. Next, considering the emergence and consolidation of the monist and materialist paradigm from the 1820s, 2) we will discuss the emergence of two distinct positions, localizationism and functionalism. Finally, deepening in the second of these positions, the so-called functionalist, 3) we will seek to demonstrate the link of the Freudian hypothesis to a certain neurological tradition of the English language, largely guided by the works of the Scottish philosopher Alexander Bain.

Keywords: History of psychoanalysis; Mind-body problem; Philosophy of mind; Philosophical reception of psychoanalysis.

Introdução

Em 1891, em um trabalho dedicado aos distúrbios da linguagem², Freud retoma uma hipótese atribuída ao neurologista inglês John Hughlings Jackson a fim de discutir a delicada questão das relações entre processos fisiológicos e psíquicos no interior do sistema nervoso central. Trata-se aqui da chamada hipótese do “concomitante dependente”, segundo a qual “o elemento psíquico” será considerado como “um processo paralelo ao fisiológico” (Freud, 1891, p. 57). Neste sentido, de acordo com o futuro psicanalista, “a cadeia de processos fisiológicos no sistema nervoso não estabelece propriamente uma relação de causalidade com os processos psíquicos. Os processos fisiológicos não se interrompem dando lugar aos psíquicos, na verdade eles se prolongam, sendo que a partir de um dado momento um fenômeno psíquico passa a existir correspondendo a uma parte desta cadeia (ou a alguns de seus elementos)” (Freud, 1891, p. 56-7).

Ao fazer tais considerações, Freud se posiciona frente a um dos grandes problemas da filosofia moderna e contemporânea, a saber, o “problema mente-

2 Fazemos referência à famosa monografia sobre a concepção das afasias, cuja primeira edição alemã fora publicada em Freud (1891). Contamos hoje com duas traduções integrais deste texto para língua portuguesa, a primeira publicada em Freud (2013), a segunda, acompanhado de um comentário do filósofo Luiz Alfredo Garcia-Roza, em Freud (2014). Lembramos que uma versão parcial deste mesmo trabalho já havia sido publicada em Portugal, no final dos anos setenta, em Freud (1979). Utilizaremos neste artigo a versão original de Freud, nos responsabilizando por todas as traduções. Isso vale para os demais textos em língua estrangeira, quando citados a partir de sua versão original.

corpo”³. De um ponto de vista histórico, podemos dizer que, enquanto questão filosófica, este problema será discutido de maneira sistemática por filósofos de diferentes tradições, sobretudo a partir do século XVII. Classicamente, atribuímos sua formulação a René Descartes que, no contexto das *Meditações metafísicas*, estabelecerá os princípios do chamado “dualismo de substâncias”. Segundo esta forma de dualismo, mente e corpo constituiriam duas substâncias ou entidades independentes, a primeira imaterial e pensante, a segunda material e extensa, cada uma delas possuindo propriedades que lhes são próprias.

A partir do século XVIII, com a emergência do pensamento materialista e sensualista, e principalmente durante o século XIX, com os avanços no campo da medicina e em particular dos conhecimentos sobre o cérebro, o dualismo cartesiano sofrerá duras críticas. De um ponto de vista filosófico, estas críticas estarão na base de uma importante mudança de paradigma que dará origem às diferentes formas de “monismo materialista” que irão caracterizar o pensamento científico durante a passagem do século XIX ao século XX. Estas diferentes posições, de orientação monista e materialista, buscarão superar diferentes modalidades de dualismo pós-cartesiano, como as teses do “ocasionalismo” em Nicolas Malebranche e a hipótese da “harmonia preestabelecida” proposta por Gottfried Wilhelm Leibniz, ambas bastante em voga durante o século XVIII.

De modo geral, considerando a natureza da relação de identidade que será estabelecida entre mente e corpo, seria possível reunir estas diferentes formas de monismo materialista no interior de dois projetos epistemológicos distintos. O primeiro deles, mais tarde associado ao chamado ideal “localizacionista”, será marcado por uma posição por assim dizer reducionista, buscando encontrar correlações precisas entre categorias psicológicas abstratas e elementos anátomo-fisiológicos concretos. O segundo, mais tarde associado com o chamado movimento “funcionalista”, será caracterizado por uma posição monista e materialista por assim dizer não reducionista, buscando estabelecer paralelos entre os processos psíquicos e fisiológicos sem a pretensão de encontrar correlatos precisos entre um e outro.

Nosso principal objetivo neste artigo será o de situar a posição assumida por Freud no interior deste debate a fim de melhor compreender suas contribuições para a solução de um problema filosófico que o precede, a saber, o problema mente-corpo. Paralelamente, mas sem nos aprofundarmos na questão, buscaremos promover uma reflexão sobre o modo como o movimento psicanalítico por ele fundado irá se apropriar ou não desta solução durante as primeiras décadas do século XX. Para alcançar estes objetivos, nosso trabalho será dividido em três partes.

Em um primeiro momento, abordaremos o estatuto da noção de psiquismo durante as primeiras décadas do século XIX, chamando a atenção para uma série de

3 Para mais detalhes a respeito da história do problema mente-corpo no interior da filosofia moderna e contemporânea, ver o instrutivo trabalho de Gillot (2007).

eventos intelectuais diretamente associados à passagem de um paradigma dualista a um paradigma monista e materialista. Em um segundo momento, discutiremos alguns temas, considerados por nós como fundamentais, ligados ao projeto localizacionista, um projeto que encontra suas origens no início do século XIX e que alcançará o seu apogeu entre os anos 1860 e 1870. Por fim, em um terceiro momento, será o caso de abordar as hipóteses sustentadas pelos representantes do projeto funcionalista, que começará a se estabelecer durante os anos 1880 a partir das limitações do localizacionismo e que, tal como pretendemos demonstrar, será enfim abraçado por Freud no início dos anos 1890. Como será sugerido ao cabo deste artigo, essa tomada de posição parece encontrar continuidade no desenvolvimento futuro da psicanálise.

Em termos metodológicos, assumimos os princípios da pesquisa teórica em psicanálise propostos por Simanke e Caropreso, no artigo *Considerações preliminares acerca de um método histórico conceitual para a pesquisa teórica em psicanálise* (2018). Estes princípios serão aplicados um ano mais tarde por Simanke (2019) ao problema da memória em Freud, em artigo publicado na presente revista. Para este fim, lançaremos ainda mão das estratégias de investigação em história da psicanálise empregadas por Padovan em *As origens do método psicanalítico* (2018). Ambas as metodologias buscam associar métodos de análise conceitual herdados da história da filosofia ao estudo do contexto histórico e sobretudo intelectual no interior do qual um determinado conjunto de ideias pôde emergir e se desenvolver.

O estatuto do psiquismo nas primeiras décadas do século XIX

Considerando as diferentes concepções em vigor a respeito do problema mente-corpo durante as primeiras décadas do século XIX, em particular na França, seria possível isolar de maneira esquemática pelo menos três posições distintas (Azouvi, 1984).

A primeira delas será representada pelos filósofos ditos espiritualistas, a começar por Pierre Maine de Biran, que passará a assumir uma versão particular do dualismo baseada na separação entre “*duas ordens de fatos distintos*”, psicológicos e fisiológicos, sem recorrer à distinção substancial entre o físico e o moral (Maine de Biran, 1834).⁴ A segunda, que irá nos interessar especialmente aqui, será representada por fisiologistas como François Magendie, que defenderão uma visão monista e fundamentalmente materialista da relação entre mente e corpo. Será esta a posição que mais tarde tenderá a se desdobrar nas abordagens localizacionistas e funcionalistas. Enfim, uma terceira posição, que podemos entender como intermediária entre o dualismo espiritualista dos filósofos e o monismo materialista dos fisiologistas, será representada por figuras como as de Pierre Jean Georges

4 Este argumento se encontra especialmente desenvolvido por Maine de Biran em um *Mémoire* datado de 1820 e publicado postumamente por Victor Cousin. Para um comentário a respeito da posição de Maine de Biran em relação ao dualismo cartesiano, ver Baertschi (1992)

Cabanis, um ideólogo,⁵ que sustentará uma forma de materialismo atravessada pelo pensamento vitalista.

Concentrando-nos inicialmente nas contribuições de Magendie, chamamos a atenção para um artigo publicado pelo autor em 1809 com o título: *Algumas ideias gerais sobre os fenômenos particulares aos corpos vivos*. Nesta contribuição, o fisiologista fará uma crítica radical da noção de força vital. Segundo o autor, tal noção era demasiado obscura, podendo ser substituída por variáveis de natureza física e química em proveito do avanço dos conhecimentos científicos sobre o homem. Ora, notamos ao se associar a figuras como as do matemático e físico Pierre-Simon de Laplace e do químico Antoine Lavoisier (Mazliak, 2012), Magendie não poderia ser propriamente comparado com os filósofos mecanicistas do século XVIII, a exemplo de Julien de La Mettrie e de seu *Homem máquina*⁶, publicado em 1748. Com a rápida evolução dos saberes, principalmente no campo da química orgânica, a sustentação de um materialismo estrito no início do século XIX pode ser considerada como uma empresa muito menos duvidosa e especulativa do que ela o seria um século mais cedo (Holmes, 1999).

A título de ilustração, podemos citar aqui as pesquisas de Magendie sobre as “funções nutritivas”, discutidas pelo autor em seu *Précis elementar de fisiologia*, publicado em dois volumes entre 1816 e 1817 e onde o fisiologista irá reiterar suas críticas ao vitalismo. Os resultados destas pesquisas, possíveis graças à aplicação de novos métodos de investigação, ocuparão quase a totalidade do segundo tomo desta obra. Uma de suas experiências mais importantes, cujos primeiros resultados serão publicados ainda em 1816, diz respeito ao estudo dos efeitos da carência do Azoto ou Nitrogênio na nutrição humana, elemento químico isolado já na segunda metade do século XVIII e estabelecido por Lavoisier em seu *Método de nomenclatura em química* (1787). Um estudo mais fino destes elementos, assim como a aplicação experimental deles em fisiologia humana, se tornará uma realidade sobretudo a partir dos anos 1810, a partir das pesquisas realizadas pelo químico sueco Jöns Berzelius (Holmes, 1999, p. 66-7).

O mesmo pode ser dito em relação à mecânica da circulação sanguínea, cuja descoberta será realizada ainda no século XVII, normalmente atribuída ao médico inglês William Harvey,⁷ e que será descrita com maior precisão no início do século XIX por Thomas Young e posteriormente por Ernst Heinrich Weber (Holmes, 1999, p. 69-70). Enfim, como não poderia ser diferente, esta rápida evolução dos saberes sobre o homem irá também tocar o conhecimento da ciência ocidental a respeito do cérebro.

5 Sobre Cabanis, ver a obra clássica de Poyer (1910), bem como o trabalho mais recente de Pouliquen (2013). Para uma visão mais ampla do movimento dos ideólogos, ver Picavet (1891).

6 Para um estudo sobre as origens do materialismo de La Mettrie que nos ajuda a compreender a diferença entre estas duas posições, ver Verbeek (1988)

7 Para uma discussão a este respeito, ver Crignon (2011).

A partir da segunda metade do século XVIII, sobretudo com os trabalhos de Félix Vicq d’Azyr, as investigações anatômicas sobre o sistema nervoso avançarão de maneira significativa em relação às pesquisas realizadas até então sobre o assunto, com Descartes ou Thomas Willis (Mazliak, 2017).⁸ A grande revolução neste campo irá, no entanto, ocorrer no início do século XIX, com as descrições realizadas pelo médico vienense Franz Joseph Gall. Estas contribuições serão inicialmente apresentadas à *Académie de sciences* francesa em 1808, sendo um ano mais tarde publicadas pelo autor em forma de livro (Gall, 1809). Um trabalho mais minucioso sobre o mesmo objeto será publicado em cinco tomos, entre 1810 e 1819, com o título *Anatomia e fisiologia do sistema nervoso*. Será nestes volumes que Gall irá descrever em detalhe, graças à introdução de novas técnicas de dissecação fundadoras da neuroanatomia moderna, toda uma série de estruturas até então pouco estudadas. Seguindo o caminho das fibras nervosas, da periferia ao centro, este autor irá contribuir para o estabelecimento de algumas noções descritivas fundamentais, como as de sistema nervoso central e periférico. Encontramos também em seus trabalhos uma definição clara da distinção entre medula espinhal, cérebro e cerebelo, assim como entre as substâncias branca e cinzenta que, ao serem observadas a nível medular, permitirá a identificação dos diferentes gânglios situados ao longo desta estrutura.

Ora, como podemos constatar a partir da leitura de seu *Précis de fisiologia*, François Magendie irá assimilar as contribuições Gall já nos anos 1810, sendo um dos primeiros a explorar as diferentes funções ligadas a cada uma destas diferentes estruturas anatômicas. No início dos anos 1820, Magendie realizará algumas experiências sobre as funções sensoriais e motoras dos nervos raquidianos, mais precisamente das raízes anteriores e posteriores ligadas a estes mesmos nervos, estruturas responsáveis por ligar o sistema nervoso central ao periférico através da medula espinhal. Ao lesionar experimentalmente as raízes anteriores e posteriores, o fisiologista constata que as funções sensoriais e motoras eram afetadas, concluindo que tais propriedades poderiam ser relacionadas a porções específicas do sistema nervoso. Seus resultados serão publicados em 1822, em um curto artigo intitulado *Experiências sobre as funções das raízes dos nervos raquidianos*.

Investigações experimentais do mesmo tipo serão realizadas de maneira sistemática e exaustiva pelo naturalista francês Pierre Flourens a partir de 1822. Os resultados destas observações serão publicados em 1824, com o título *Pesquisas experimentais sobre as propriedades e as funções do sistema nervoso*. Em um longo prefácio que precede a descrição dos seus experimentos, Flourens se esforça em resumir suas principais conclusões de maneira clara e objetiva. Segundo o autor, as estruturas que compõem o sistema nervoso correspondem – e isso em todos os animais vertebrados, incluindo aí o homem – aos órgãos responsáveis pelas sensações e pelos movimentos, exibindo assim duas propriedades essenciais: uma de “sentir”, outra de

8 Para uma visão mais geral sobre as contribuições de diferentes filósofos e fisiologistas entre os séculos XVII e XVIII, ver o primeiro capítulo do estudo clássico de Lanteri-Laura (1993).

“mover”. Dentre estas estruturas, os nervos, a medula espinhal, a medula oblonga e os tubérculos quadrigêmeos se limitam a “excitar” os músculos em movimento, enquanto os lóbulos cerebrais expressariam como função a “vontade” de movê-los. Uma estrutura à parte, o cerebelo, se ocuparia por sua vez de “coordenar” os movimentos idealizados pelo cérebro e excitados pelos nervos e demais estruturas. Assim, conclui Flourens (1924, p. ix): “as faculdades intelectuais e sensitivas residem nos lobos cerebrais, a coordenação dos movimentos de locomoção no cerebelo, a excitação imediata das contrações, na medula espinhal e nos nervos”. Tais observações permitirão finalmente à medicina isolar, desde um ponto de vista anatômico e fisiológico – e não apenas filosófico – cada uma destas funções.

Com a ajuda deste mesmo método experimental, Flourens será capaz de estabelecer algumas distinções funcionais importantes e dificilmente observáveis através de métodos filosóficos racionais baseados na introspecção. Por meio da “ablação dos lóbulos cerebrais”, será possível, por exemplo, produzir uma perda da visão desacompanhada de uma perda das funções dos nervos e dos órgãos ligados à visão. Após o experimento, constata-se que a íris permanece móvel e o nervo ótico excitável. No entanto, se os “tubérculos quadrigêmeos” são extirpados – estrutura que corresponde à porção superior do tronco cerebral – as funções de “contração da íris e a ação da retina e do nervo ótico” serão completamente abolidas. Daí, conclui Flourens (1924, p. xi), que “*no primeiro caso, foi suprimida apenas a sensação [sensation] da visão, sendo no segundo caso suprimido o sentido [sens] da visão*”. Ora, estamos aqui, por assim dizer, diante da prova material e anatômica da distinção entre “percepção” e “impressão”, concebida de maneira especulativa por Descartes em suas *Meditações* (1904);⁹ uma distinção que remonta aliás àquela estabelecida por Platão no *Teeteto* (1973), entre o “sensível” e o “inteligível”, e irá evoluir no interior da filosofia moderna com Locke, em seu *Ensaio sobre o entendimento humano* (2003), e mais tarde com os sensualistas do século XVIII, que caminharão na esteira de Condillac e de seu *Tratado das sensações* de 1754.

De um ponto de vista puramente clínico, outros pesquisadores pareciam chegar aos mesmos resultados por meio da autópsia de pacientes alienados. A este respeito, podemos citar os estudos de Jean-Baptiste Delaye e Achille Louis de Foville, ambos ligados ao asilo da Salpêtrière. Já em 1820, os autores sugeriam a correlação entre a irritação da “substância cortical” e a produção de “delírios”¹⁰. Quatro anos mais tarde, Delaye defenderá sua tese de doutorado intitulada *Considerações sobre uma espécie de paralisia que afeta os alienados em particular* (1824), onde o médico sustentará os mesmos pontos de vista defendidos por Antoine Bayle em sua famosa tese de 1822 sobre a paralisia geral. Junto de seu colega Felix

9 Para uma tradução brasileira, consultar a edição bilingue de Fausto Castilho em Descartes (1999).

10 Segundo Walusinski (2017, p. 307-309), este argumento será apresentado em um mémoire Delaye e Foville intitulado: *Délire produit par irritation de la substance corticale du cerveau*. Uma parte deste trabalho será publicado em Delaye e Foville (1821).

Pinel-Grandchamp, Foville avança no mesmo sentido em sua breve contribuição intitulada *Pesquisas sobre a sede especializada de diferentes funções do sistema nervoso* (1923), onde as funções motoras dos membros superiores e inferiores serão associadas, por meio de observações de casos de hemiplegia, a porções específicas da medula espinhal. Enfim, a partir de estudos em anatomia comparada, e da sua aplicação à fisiologia normal e patológica – em particular no que diz respeito ao cérebro – Etienne Serres alcançará os mesmos resultados. Estes últimos serão publicados nos dois volumes do seu *Anatomia comparada do cérebro, nas quatro classes de animais vertebrados* (Serres, 1824)¹¹.

A partir desta série de eventos científicos e intelectuais, assistimos a uma gradual redução do psiquismo, então concebido pela filosofia moderna como uma entidade separada do corpo, à função de um órgão, neste caso o cérebro ou, mais precisamente, como dirá Flourens, seus dois lóbulos. Enquanto projeto, cabe lembrar que esta redução não pode ser comparada àquela que marcou o projeto materialista de autores do século XVIII, como La Mettrie, um filósofo ainda devedor do iatromecanicismo, escola de pensamento representada na época pelo sistema de Hermann Boerhaave (Paschoud e Pépin, 2017).¹²

Por razões semelhantes, o reducionismo materialista do século XIX será também incompatível com os princípios da doutrina vitalista, tal como estabelecidos em 1778 por Paul-Joseph Barthez, em seus *Novos elementos para uma ciência do homem*. Essa mesma doutrina será assumida Xavier Bichat em seu famoso *Tratado das membranas* (1799), e ainda por Cabanis, em suas obras teóricas.

Encontramos no *Vocabulário técnico e crítico da filosofia* uma definição bastante precisa do pensamento vitalista: “doutrina segundo a qual existe em cada indivíduo um ‘princípio vital’ – distinto ao mesmo tempo da alma pensante e das propriedades físico-químicas do corpo – governando os fenômenos da vida” (Lalande, 1947, p. 1214-5). Como defenderá Bichat (1800) em um trabalho posterior, sobre as *Pesquisas fisiológicas sobre a vida e a morte* – obra onde o autor nos propõe sua célebre definição de vida, como “o conjunto de funções que resistem à morte” (p. 1) – a noção de vida será abordada em duas dimensões distintas, a “vida orgânica” e a “vida animal”. A primeira destas dimensões, orgânica, compreende de acordo com o autor os processos internos redutíveis à materialidade do corpo, enquanto a segunda, *animal*, incluirá os fenômenos próprios à sensibilidade, à motricidade voluntária e ao intelecto.¹³ Esta mesma lógica será aplicada ao seu *Tratado de anatomia descritiva* (1801-3), publicado postumamente em cinco volumes.

11 Ver em particular o oitavo e último capítulo do segundo volume da obra, intitulado “Corolários fisiológicos e patológicos sobre o cerebelo, os tubérculos quadrigêmeos e os hemisférios cerebrais”.

12 A este respeito, ver em particular o capítulo de François Pépin, intitulado *La Mettrie et la chimie* (pp. 57-90). Para uma visão mais geral sobre as transformações no plano intelectual que marcaram este período, ver Mazzolini (2014).

13 Ver o artigo primeiro da primeira parte de Bichat (1800), intitulado *Division générale de la vie*. Para um comentário desta obra, ver ainda o prefácio de André Pichot (1994).

Ora, encontramos na doutrina vitalista uma interessante solução de compromisso entre uma forma bastante sofisticada de dualismo, refinada entre os séculos XVII e XVIII, sobretudo no seio da tradição médica, e uma renúncia categórica à redução da vida e do psiquismo ao jogo de forças físico-químicas (Haigh, 1977).¹⁴ No entanto, a fragilidade desta posição não poderá resistir ao avanço crescente do pensamento organicista, a ponto de, já nos anos 1820, as *Pesquisas fisiológicas sobre a vida e a morte* de Bichat serem literalmente “corrigidas” e republicadas com numerosas notas críticas de François Magendie (Bichat, 1822).

Por fim, no que diz respeito aos destinos da filosofia espiritualista em meio ao avanço do materialismo organicista, podemos dizer que os defensores dessa posição passarão a assumir ao longo das primeiras décadas do século XIX um lugar cada vez mais marginal no interior do discurso científico. Tomando Descartes por antecedente e Maine de Biran como precursor (Carroy et al., 2006, p. 14), esta tradição irá se opor ao vitalismo, denunciando-o como demasiado restritivo. Ora, se os vitalistas escapavam ao reducionismo organicista estabelecendo uma distinção entre a vida orgânica e a vida animal, os espiritualistas reivindicavam uma segunda subdivisão no interior da vida animal, distinguindo desta última aquilo que era próprio à vida humana. É neste sentido que, em seus *Novos ensaios de antropologia*, Maine de Biran dirá que, diferente da vida animal, dependente do corpo – e, no caso dos vitalistas, regido pelas leis do princípio vital –, a vida humana, consciente de si mesma, vem representar isso que é “ativo” no homem, quer dizer, sua capacidade de exercer livremente a sua vontade (Maine de Biran, 1859, p. 345-6). Esta psicologia da vontade, fundada por assim dizer em um princípio metafísico de autodeterminação do espírito, irá atravessar a primeira metade do século XIX ao abrigo do materialismo médico que, na França, alcançará sua máxima expressão nos anos 1860, com os trabalhos de Claude Bernard (1865).¹⁵ Sua expressão mais bem-sucedida talvez se encontre entre os séculos XIX e XX na produção filosófica de Henri Bergson, antes de cair no mais absoluto descrédito científico (Carroy et al., 2006, p. 102-9).

A concepção localizacionista e a redução do pensamento à célula nervosa

Com a consolidação da hegemonia deste novo materialismo que, como visto há pouco, começa a se expandir a partir dos anos 1820, duas grandes posições tenderão a se impor ao longo do século XIX. A primeira delas, normalmente designada como localizacionista, buscará localizar funções mentais específicas em regiões precisas do córtex cerebral, apostando na hipótese de que o cérebro é composto por um conjunto de estruturas altamente especializadas, cada uma possuindo a sua função. A segunda, que optamos por chamar aqui de funcionalista, entenderá as diferentes

14 A este propósito, ver ainda os trabalhos da mesma autora sobre Bichat, em: Haigh, E.L. (1984), publicados neste mesmo ano de 1984 como *supplement* ao volume 28 da revista *Medical History*.

15 A este respeito, ver ainda os comentários de Georges Canguilhem (1994), em seus capítulos dedicados à Claude Bernard.

funções mentais como a expressão do funcionamento global do sistema nervoso, excluindo assim a hipótese de uma localização estrita destas funções em porções específicas deste sistema.

Como veremos nos dois tópicos que se seguem, estas duas posições tenderão a se complexificar a partir dos anos 1870, sobretudo no seio das tradições médicas de língua alemã e inglesa. No interior deste contexto, podemos considerar a contribuição de Freud, realizada a partir da clínica das afasias no início dos anos 1890, como expressão de uma tomada de posição. Essa tomada de posição será condizente com uma concepção particular do problema mente-corpo que será abordado por nós mais adiante.

*

Ao discutir a questão do localizacionismo desde um ponto de vista histórico, a maior parte dos historiadores da psicologia e da neurologia nos remetem à frenologia defendida pelo médico vienense Franz Joseph Gall, entendendo essa disciplina como um de seus primeiros representantes (Hécaen e Lanteri-Laura, 1978). Ora, sabemos que paralelamente às suas descobertas fundamentais realizadas no campo da anatomia do sistema nervoso, Gall e seu colaborador, Johann Gaspar Spurzheim, fundaram uma nova doutrina psicológica baseada no estudo de correlações entre conformidade craniana e traços de personalidade¹⁶.

Um dos pontos de partida destes autores, como nos expõe Gall em uma conferência realizada em 1806, foi a dedução – feita a partir da observação de casos de hidrocefalia – de que a anatomia crânio assume sua forma final em função da anatomia do cérebro (Blöde, 1807)¹⁷. Ora, sendo o cérebro a sede anatômica da mente e sendo sua estrutura composta por uma série de órgãos especializados, cada um deles representando uma dimensão específica do fenômeno mental, não seria absurdo supor que a análise das protuberâncias do crânio de adultos pudesse revelar algo sobre a mente humana. Ao todo, vinte e sete regiões cranianas serão isoladas e modeladas, segundo o autor, pelos seus órgãos cerebrais correspondentes. Essa topografia “psíquica”, que nos parece tão estranha hoje em dia, incluirá funções bastante heterogêneas, como as “pulsões genitais” [*Geschlechtstrieb*] (região 1), a “sensibilidade cromática” [*Farbensinn*] (região 6), a “amizade e o apego” [*freundschaftliche Anhänglichkeit*] (região 12), a “perspicácia filosófica” [*philosophische Scharfsinn*] (região 21) e a “bondade” [*Gutmüthichkeit*] (região 24).

16 Para uma história da frenologia, ver Lantéri-Laura (1993) e Renneville (2000).

17 Referimo-nos aqui à conferência realizada em 1806 por Gall em Carlsruhe, na Alemanha, intitulada *Apresentação da anatomia do cérebro segundo as novas descobertas do senhor Dr. Gall* e recolhida na ocasião por Karl August Blöde. Uma tradução francesa será realizada no mesmo ano e publicada em: Gall (1807).

Considerando o caráter científico e inovador das descrições anatômicas feitas por Gall, sua “doutrina dos crânios” ou *Schädellehre*, será rapidamente difundida na França, na Alemanha e na Inglaterra, como nos atestam alguns trabalhos publicados ainda no início dos anos 1800¹⁸. No entanto, sabemos que ela também será amplamente criticada. Uma das análises críticas mais completas a respeito desta doutrina será publicada décadas mais tarde por Pierre Flourens, sob o título de *Exame da frenologia* (1842). É interessante notar que, no que diz respeito a seu trabalho puramente anatômico, Flourens afirmará em obra posterior que Gall fora responsável por uma grande revolução no campo da neurologia, acrescentando em tom de reconhecimento: “jamais esquecerei a forte impressão que senti na primeira vez em que vi Gall dissecar um cérebro. Era como se eu ainda não tivesse visto aquele órgão” (Flourens, 1863, p. 180). Mais adiante, no que diz respeito especificamente às hipóteses frenológicas do médico vienense, Flourens afirmará, agora em tom de pesar: “Gall, que nos forneceu a verdadeira anatomia do cérebro, não chegou nem mesmo a suspeitar da sua fisiologia”, quer dizer, das suas funções (ibid., p. 188). Por fim, ainda que amparada por um número considerável de observações, o autor acrescenta que a doutrina de Gall se assemelha mais a uma psicologia de um moralista, cuja aplicação à fisiologia por intermédio de entidades anatômicas é completamente arbitrária.

Seja como for, apesar da degradação da frenologia enquanto disciplina durante as primeiras décadas do século XIX, o projeto localizacionista de Gall ganhará cada vez mais força, principalmente a partir da segunda metade deste mesmo século.

Tal como exposto já em 1808, pela comissão responsável pela análise do *Mémoire* exposto por Gall e Spurzheim à *Académie des sciences*, uma comissão composta por nomes como Georges Cuvier, Philippe Pinel et Antoine Portal, este projeto entenderá o sistema nervoso como um “conjunto dos nervos [que] se compõe de diversos sistemas particulares; (...) que se diferem entre eles tanto na sua estrutura íntima como em suas funções respectivas; (...) as funções ou faculdades são diretamente proporcionais ao desenvolvimento dos órgãos aos quais elas estão ligadas; (...) existe entre os diversos aparelhos um número maior ou menor de conexões e, conseqüentemente, de influência recíproca” (Gall, 1809, p. 228-9). Em conclusão, todos os sistemas assim concebidos, dotados de propriedades comuns e em conexão uns com os outros, devem possuir funções específicas, sendo o cérebro um órgão composto de tantos sistemas particulares quanto forem as funções distintas por ele exercidas. A isso, podemos acrescentar a máxima localizacionista de Gall, que resume de maneira bastante concisa os argumentos acima expostos: “toute doctrine sur les fonctions du cerveau serait fausse, si elle se trouvait en contradiction avec sa structure”.¹⁹

18 Ver especialmente Normand (1803) e Arnold (1805), que inclui um pequeno esboço da literatura sobre a doutrina de Gall.

19 “Será falsa toda doutrina sobre as funções do cérebro que se encontrar em contradição com a

Como discutido no primeiro tópico do presente artigo, a aplicação destes princípios às funções cerebrais elementares, como a sensibilidade e a motricidade, será realizada de maneira massiva a partir dos anos 1820. Contudo, um dos primeiros a tirar consequências realmente importantes a respeito da localização de funções intelectuais superiores será o médico e cirurgião francês Paul Pierre Broca.

Em três artigos inaugurais publicados em 1861, Broca estabelecerá uma correlação entre o quadro clínico da “afemia” e um conjunto de lesões circunscritas a uma parte bastante específica do lóbulo frontal esquerdo. Os sintomas que compunham o quadro clínico da chamada afemia, ou “perda da fala”, foram inicialmente descritos a partir de um caso clínico observado no Hospital de Bicêtre, em Paris. Trata-se de um homem de cinquenta e um anos que havia perdido a capacidade de articular palavras, “podendo pronunciar apenas uma sílaba que ele repetia ordinariamente duas vezes em sequência, independente da questão que lhe fosse feita”. Segundo Broca (1861a, p. 235-6), “sua resposta era sempre **tan, tan**, acrescentando a ela alguns gestos expressivos bastante variados”. Para além desta perturbação característica da linguagem, o mesmo paciente não parecia manifestar nenhum tipo de déficit intelectual grave. Como nos relata o autor, no dia 17 de abril daquele mesmo ano o paciente falece e Broca procede com a autópsia que iria revelar, entre outras lesões, uma degradação particularmente profunda da “porção média do lóbulo frontal do hemisfério esquerdo” (ibid, p. 237). Ao cabo do artigo, o autor enfim conclui dizendo que “tudo nos leva a crer que, no presente caso, a lesão do lóbulo frontal foi a causa da perda da fala” (ibid, p. 238).

O mesmo caso será retomado e descrito em detalhe alguns meses mais tarde, em meio a uma exposição realizada na *Société anatomique de Paris*. Nesta ocasião, Broca (1861b, p. 356) fará referência a uma possível lesão primitiva da “terceira” circunvolução frontal esquerda como sendo a causa da “afemia simples”. Enfim, no mês de novembro de 1861, o cirurgião de Bicêtre apresentará um segundo caso de afemia por ele nomeado “*Lelong*”, estudado a partir do final de outubro daquele mesmo ano. Do ponto de vista clínico, Lelong apresentava praticamente os mesmos sintomas observados no primeiro paciente, ainda que de maneira menos pronunciada. Após autópsia, Broca irá localizar uma lesão particularmente circunscrita em seu lóbulo frontal esquerdo, situada precisamente na “terceira circunvolução frontal”, que “se encontra completamente talhada de atravessado, tendo sofrido em sua espessura uma perda de massa cuja extensão parece ser de aproximadamente 15 milímetros” (Broca, 1861c, p. 405). Uma pequena lesão será também observada na segunda circunvolução. Como conclui o autor, a dimensão reduzida da lesão em Lelong parece explicar a menor gravidade do seu caso em relação aos sintomas manifestos por *Tan Tan*.

sua estrutura”. Encontramos a passagem em questão na introdução do segundo volume da obra *Sur les fonctions du cerveau et sur celles de chacune de ses parties* (Gall, 1825, p. 23).

Novas provas vão se acrescentar a estas nos anos que se seguiram às publicações supracitadas. Enfim, aquilo que Broca havia chamado em 1861 de “afemia” [*aphémie*], será rebatizado em 1864 pelo médico francês Armand Trousseau como sendo próprio à “afasia”. Uma descrição definitiva desta afecção será feita pelo próprio Broca um ano mais tarde (Broca, 1865).²⁰ Curiosamente, a área da linguagem prevista por Gall se situa em uma região do crânio muito próxima daquela que seria tocada pela porção do lóbulo frontal região descrita por Broca. Trata-se da “região 10”, apontada já em 1806 pelo médico vienense como estando relacionada à “sensibilidade linguística” [*Sprachsin*] (Blöde, 1807, p. 135). Ainda no final dos anos 1830, em uma comunicação realizada diante da Academia real medicina no dia 29 de outubro de 1839, Jean-Baptiste Bouillaud já havia sugerido este paralelo, chamando a atenção para as hipóteses frenológicas de Gall. Neste trabalho, Bouillaud problematizará a concepção antilocalizationista de Flourens. A posição antilocalizacionista de Flourens será discutida na terceira parte deste artigo.

*

Durante esta mesma década de 1860, a partir de novas observações microscópicas da estrutura do córtex cerebral, um jovem pesquisador ligado a Faculdade de medicina de Viena contribuirá de maneira decisiva à continuidade do projeto localizacionista nos países de língua alemã. Trata-se de Theodor Meynert, que publicará entre 1867 e 1868 seu importante estudo intitulado *A estrutura do córtex cerebral e de suas diferentes localizações, acompanhada de um corolário anatomopatológico*. Graças à evolução e ao aperfeiçoamento dos instrumentos de observação em histologia, assim como das técnicas de fixação, de preparação e principalmente de coloração do tecido nervoso, Meynert foi capaz de distinguir diferentes formas de organização celular presentes em toda extensão do córtex cerebral.

Do ponto de vista anatômico, estas diferentes formas de organização celular serão descritas a nível estrutural a partir de um sistema estratigráfico de cinco “camadas” [*Schichte*] distintas de tecido nervoso. A primeira delas será composta por pequenos corpos nervosos dispersos, a segunda por pequenos corpos nervosos piramidais agregados, a terceira por grandes corpos piramidais (formação do corno de Ammon), a quarta por corpos nervosos agregados (formação granular), a quinta por corpos nervosos fusiformes (forma mural).²¹ Estas camadas serão atravessadas por dois sistemas de fibras nervosas, os chamados “sistemas projetivos” [*Projectionssysteme*] e “sistemas associativos” [*Associationssysteme*].²² Do ponto de

20 Para uma história detalhada deste período, ver o verbete de Jules Falret (1865) sobre o assunto.

21 Para uma descrição gráfica de cada um destes elementos, ver o trabalho de Meynert (1872) sobre o cérebro dos mamíferos.

22 Uma versão simplificada da exposição de Meynert a respeito destes dois sistemas pode ser encontrada em Putnam (1873).

vista fisiológico, estes dois sistemas serão utilizados por Meynert com o objetivo de explicar duas diferentes funções do córtex cerebral.

Segundo o médico vienense, todas as estimulações sensoriais que chegam ao cérebro tendem a se alojar no tecido cortical, atravessando suas diferentes camadas por meio das fibras que compõe o sistema projetivo. Uma vez estocados no córtex cerebral, estes elementos sensoriais poderão entrar em relação por meio das fibras que compõe o sistema associativo. Desta forma, Meynert buscava, por um lado, explicar a dinâmica fisiológica implicada na memória, quer dizer, no armazenamento de informações sensoriais oriundas do mundo externo. Por outro, o médico procurava explicar o fenômeno da associação de ideias que, em termos fisiológicos, seria traduzido pelo processo de associação entre estes diferentes elementos sensoriais estocados nas células nervosas.

Cada órgão que compõe o cérebro, e não apenas as cinco camadas que constituem o córtex cerebral, deverá desempenhar um papel bastante específico nesta dinâmica, tanto projetiva quanto associativa. Meynert isolará seis órgãos distintos, situados entre os dois lobos cerebrais – esquerdo e direito – e o início da medula espinhal, passando pelo importante “núcleo basal”.

Contudo, mais do que detalhar estes processos, o que irá nos interessar mais particularmente aqui é que, a partir de suas observações, Meynert nos propõe um modelo de psicologia inteiramente baseado na identidade entre a esfera psíquica e a nervosa, reduzindo toda atividade mental humana a um complexo circuito de corpos celulares ligados por fibras de projeção e de associação.

Do ponto de vista histórico, seria possível estabelecer uma linha de continuidade entre a posição de Meynert e o projeto científico de um de seus principais mentores, Carl von Rokitansky, considerado como o fundador da chamada “segunda” Escola vienense de medicina.²³ Em seu influente *Manual de anatomia patológica*, publicado em três volumes entre 1842 e 1846, Rokitansky fará a crítica da dita “primeira” Escola vienense de medicina, representada na época pelo ensino de Gerhard von Swieten, um antigo aluno de Boerhaave que será acolhido pela corte dos Habsburgo e nomeado em 1749 diretor da Faculdade de medicina do império (Lesky e Wandruszka, 1973). Esta crítica será marcada pelo projeto materialista defendido pelo autor e assumirá uma forma semelhante àquela realizada na França, entre os anos 1810 e 1820, contra o pensamento vitalista²⁴. No entanto, considerando o contexto da medicina de língua alemã, seria sobretudo o impacto

23 A este respeito, ver Puschmann (1884), que irá distinguir do ponto de vista cronológico a sucessão de duas escolas de medicina em Viena entre os séculos XVIII e XIX. Este autor fará referência a estas duas escolas como a “antiga” [ältere] e a “nova” [neuere] escola vienense de medicina. A mesma distinção será retomada quase um século mais tarde por Lesky (1965), que irá propor a presente nomenclatura, utilizada por nós neste artigo, de “primeira” [erste] e “segunda” [zweite] escola vienense de medicina.

24 Ainda que na introdução de seu manual, vale ressaltar, Rokitansky chegue a elogiar o trabalho de médicos como Xavier Bichat. Cf. Rokitansky (1842-6, v.1, p. 17).

da chamada *Naturphilosophie* ou filosofia romântica da natureza nas ciências do homem, e não propriamente o vitalismo francês, que se faria objeto da crítica deste novo materialismo monista e reducionista então emergente.²⁵

Cabe lembrar que esta escola estará bem alinhada com o projeto científico que começa a se desenvolver entre os alunos de Johannes Müller em Berlin. Ainda no final dos anos 1830, através da observação microscópica de tecidos de origem animal, Theodor Schwann será o primeiro a descrever os princípios elementares da dinâmica celular,²⁶ lançando assim as bases da “patologia celular” que será finalmente desenvolvida no final dos anos 1850 pelo fisiologista alemão Rudolf Virchow.²⁷ Do ponto de vista prático, estas inovações catalisarão um importante deslocamento da clínica do *regard*, tal como Foucault (2015) a descreve em sua obra sobre *O nascimento da clínica*,²⁸ para uma clínica mediada por instrumentos e realizada fundamentalmente em laboratório. Do ponto de vista científico – e, por que não, filosófico – estas mesmas inovações permitirão à tradição médica alemã observar *in loco* o caráter puramente especulativo de hipóteses como as de “força vital”, entre outras defendidas pela medicina romântica, que encontrava suas origens no “animismo” de Georg Ernst Stahl.²⁹

Ainda em 1839, ao discutir o impacto por assim dizer epistemológico de sua teoria celular, Schwann irá opor dois modos de conceber a natureza da “força fundamental” [*Grundkräfte*] responsável por animar os corpos orgânicos: de um lado o modelo “teleológico”, de outro do modelo “fiscalista” (Schwann, 1839, p. 221-3). Conforme o primeiro deles, os corpos orgânicos seriam governados por um princípio finalista, como se os elementos que os constituem fossem organizados de acordo com um propósito pré-estabelecido. Conforme o segundo, estes mesmos corpos orgânicos seriam governados pelas mesmas leis que regem os corpos inorgânicos, neste caso, os princípios da física e da química, que não possuem qualquer propósito nem mesmo sentido em termos de finalidade, se limitando a atender cegamente as necessidades da matéria bruta. Ora, a partir de suas observações, Schwann irá sugerir que a célula é a unidade básica de todo organismos vivo e que sua dinâmica irá se reduzir a duas manifestações: “plásticas” e “metabólicas” [*plastischen, metabolischen Erscheinungen*]. Segundo o autor, ambas poderão ser explicadas pelas mesmas leis que regem os corpos inorgânicos (ibid., p. 227-9). Alguns anos mais tarde, em 1847, outro aluno de Müller em Berlim irá generalizar esta hipótese em uma obra intitulada *Sobre a conservação da força, um estudo fiscalista*, onde os princípios da conservação da energia observados nos corpos inorgânicos serão aplicados aos corpos orgânicos.

25 Para um estudo completo da *Naturphilosophie*, ver o texto clássico de Gusdorf (1985).

26 Cf. Schwann (1839).

27 Cf. Virchow, R. (1858).

28 Para uma abordagem histórica a respeito do mesmo tema abordado filosoficamente por Foucault, ver Ackerknecht (1986).

29 A este respeito ver o instrutivo trabalho de Albert Lemoine (1864), que abordará as relações entre estes dois movimentos intelectuais concentrando-se nos trabalhos de Stahl.

Trata-se aqui do Hermann von Helmholtz, um jovem pesquisador de formação médica que na época não somava mais do que de vinte de cinco³⁰.

Considerando a natureza celular do tecido nervoso e apoiando-se na mesma hipótese fisicalista sustentada por seus colegas, um terceiro aluno de Müller, Emil du Bois-Reymond, começará a estudar durante os anos 1840 a natureza elétrica dos impulsos nervosos, publicando em 1848 uma importante obra a este respeito, intitulada *Investigações sobre a eletricidade animal*. Neste trabalho, du Bois-Reymond será capaz de integrar as recentes descobertas realizadas pela tradição francesa sobre às funções nervosas, acrescentando a esta equação uma nova variável fisiológica, a eletricidade enquanto veículo capaz de transmitir informação de uma célula nervosa a outra (Finkelstein, 2013). Dois anos mais tarde, em 1850, Helmholtz desenvolverá um instrumento capaz de medir a velocidade de propagação deste agente nervoso de natureza elétrica ao longo das fibras nervosas, chegando a valores muito próximos daqueles conhecemos hoje (Olesko e Holmes, 1993). Mais tarde, ao medir a velocidade de propagação em sujeitos experimentais humanos, o médico alemão constata que o tempo transcorrido entre a estimulação de um nervo sensorial e a reação motora voluntária era mais longa que a soma do tempo necessário para que o impulso nervoso percorresse os nervos sensoriais e motores implicados neste experimento (Helmholtz, 1867). Esta observação dará origem ao conceito de “tempo de reação”, noção que corresponde ao intervalo de tempo compreendido entre a chegada de um estímulo aos centros sensoriais do córtex cerebral e o envio de um influxo motor resultante de uma ação voluntária consciente.

Por fim, ainda a respeito dos alunos de Müller, caberia fazer menção aqui ao fisiologista Ernst Brücke, que deixará Berlim em 1849 para se instalar definitivamente na capital do Império Austríaco, tornando-se sob a influência de Rokitansky professor de fisiologia na Faculdade de medicina de Viena. No início dos anos 1870, Brücke publicará suas *Lições* em dois volumes, sendo o segundo inteiramente dedicado à fisiologia do sistema nervoso (Brücke, 1873). Como podemos constatar ao longo da leitura dos capítulos que o compõe, o fisiologista irá assimilar em seu curso os resultados de toda uma geração de pesquisas realizadas nos países de língua alemã pelo menos desde os anos 1840, incluindo aí as recentes contribuições de Meynert. Sabemos que durante a sua formação, Freud não apenas estudará fisiologia com Brücke, mas trabalhará alguns anos em seu laboratório, dedicando-se a pesquisas sobre a evolução do sistema nervoso em diferentes espécies animais.

Considerando este contexto, talvez fosse prudente acordar alguma importância histórica às hipóteses que buscam estabelecer linhas de continuidade entre a assim

30 Para um trabalho conciso sobre Helmholtz e seu contexto intelectual mais amplo, ver Meulders (2001). Para um comentário a respeito de seu estudo fisicalista sobre conservação da força, ver Guedj (2007).

chamada “Escola de Helmholtz”, tal como ela seria descrita por Siegfried Bernfeld (1844). Ainda que neste caso fosse mais preciso dizer “Escola de Müller”³¹, trata-se de um assunto que, antes de ser rejeitado em bloco, precisaria ser estudado com mais cuidado.

Ainda durante os anos 1870, outros pesquisadores irão se servir destes conhecimentos com o objetivo de aprofundar na fisiologia das localizações cerebrais. A este respeito, podemos fazer referência a Eduard Hitzig, um antigo aluno de du Bois-Reymond em Berlim, que junto do jovem anatomista Gustav Fritsch realizará importantes observações sobre os efeitos da estimulação elétrica no tecido cortical. A partir destes experimentos, descritos em 1870 em *Sobre a excitabilidade elétrica do telencéfalo*, Fritsch e Hitzig serão capazes de reproduzir por meio da estimulação de regiões específicas da parte anterior do córtex cerebral contrações musculares em modelos animais. Assim, contra a hipótese da insensibilidade dos lobos cerebrais, corroborada pelas observações de pesquisadores como François Achille Longet,³² aluno de François Magendie em Paris, os dois cientistas alemães localizarão quatro regiões funcionalmente associadas a diferentes sistemas de músculos. Dando continuidade aos seus próprios experimentos, Hitzig e Fritsch constatam que, após extirpar estas mesmas regiões – chamadas pelos autores de centros “da extremidade anterior” [*Vorderextremität*] dos lobos cerebrais – os animais lobotomizados não haviam perdido a totalidade de suas funções motoras, mas apenas a “consciência” [*Bewusstsein*] de seus movimentos voluntários, sendo, portanto, somente “a capacidade de formar representações [*Vorstellungen*] perfeitas” que havia sido perdida nestes casos (Fritsch e Hitzig 1870, p. 331).³³

Seguindo os mesmos princípios, e apoiando-se de maneira sistemática nas hipóteses de Meynert a respeito dos sistemas projetivos e associativos, outro médico de língua alemã começará a se dedicar ao estudo das funções sensoriais do córtex cerebral. Trata-se do médico alemão Carl Wernicke que, tal como Fritsch e Hitzig, irá defender a localização das representações conscientes, não mais motoras, mas sim sensoriais, em uma parte específica do cérebro, então situada na porção posterior deste órgão. Nos dois casos notamos essa mesma tentativa de estabelecer uma relação biunívoca os elementos do mundo mental, seja em termos de representação motora, seja em termos de representação sensorial, e cada um dos centros corticais e, no limite, às próprias células que os compõem.

Em seu importante trabalho publicado em 1874 com o título *O complexo sintomatológico afásico*, texto acompanhado do seguinte subtítulo: *um estudo psicológico*

31 Para uma revisão desta narrativa, ver: Cranefield (1966) e Leader e Burgoyne (2001).

32 Como chamarão a atenção Fritsch e Hitzig (1870, p. 301), Langot descreve em seu monumental *Anatomie et physiologie du système nerveux de l’homme et des animaux vertébrés*, publicado em dois volumes em 1842, uma série de experiências que parecem justamente comprovar a insensibilidade desta parte do cérebro.

33 Para um comentário a respeito destes experimentos, ver: Breathnach (1992). Os pontos de vista apresentados pelos autores em 1870 serão aprofundados em Hitzig (1874).

de base anatômica, Wernicke começará afirmando já em suas primeiras linhas que: “a doutrina topográfica [*Faserungslehre*] do cérebro concebida por Meynert” lançou as bases de uma “fisiologia cerebral exata”; para então concluir dizendo: “o trabalho que se segue constitui uma tentativa de aplicação prática da anatomia cerebral meynertiana” aos fenômenos normais e patológicos da linguagem (Wernicke, 1874, p. 3).

Ora, ao aplicar o modelo de Meynert aos fenômenos em questão, Wernicke irá lançar mãos das noções de projeção e de associação, atribuindo uma grande importância a um dos principais corolários teóricos desta doutrina, a saber, o conceito de “imagem mnêmica” [*Erinnerungsbild*]. A imagem mnêmica será entendida ainda nos anos 1860 pelo neurologista de Viena como uma unidade psicofisiológica fundamental, capaz de se fixar nas diferentes porções do córtex cerebral através das fibras de projeção e de se associar a partir das fibras de associação. O mesmo conceito será retomado por Wernicke em 1874, com o objetivo de explicar em termos anatômicos a perda funcional das imagens acústicas supostamente causadas pela destruição de uma região específica do córtex cerebral, situada na parte posterior deste órgão. Esta região, localizada de maneira precisa na primeira circunvolução temporal, será considerada pelo médico alemão como a sede cortical das imagens mnêmicas de natureza acústica e associada ao quadro clínico – ou, nas suas palavras, do “complexo sintomatológico” – da afasia sensorial.

Tudo parecia se encaixar no interior do projeto localizacionista, e em particular no caso das patologias da linguagem. A terceira circunvolução frontal, situada na parte anterior e, portanto, motora do córtex, seria a sede das imagens motoras da fala; enquanto a primeira circunvolução temporal, situada na parte posterior e, portanto, sensorial do córtex, seria a sede das imagens sensoriais da fala. Cada um destes dois centros, compostos pela matéria cinzenta dos corpos celulares descritos por Meynert, funcionaria segundo os princípios do seu sistema projetivo, associando-se por meio de fibras subcorticais compostas de matéria branca e respondendo aos princípios do sistema associativo. Do ponto de vista filosófico, este modo de conceber a relação mente-cérebro se alinhava bem com os princípios do chamado “paralelismo psicofísico”, tal como formulado nos anos 1850 pelo cientista alemão Theodor G. Fechner.

Assumindo a definição proposta por Isabelle Dupéron (2000), tal posição toma como ponto de partida que “os processos físico-químicos no seio do organismo corporal correspondem de maneira biunívoca aos processos psíquicos que ocorrem no espírito” (p. 29). Tal hipótese – que não faz mais do que formalizar um pressuposto implícito já assumido pela neurologia localizacionista da época – será amplamente divulgada em 1860 a partir do *Tratado de psicofísica* de Fechner, trabalho que ficará conhecido por veicular sua famosa fórmula da lei psicofísica fundamental, baseada na relação logarítmica entre a intensidade das sensações psíquicas e a grandeza da estimulação física.

Como nos sugere Dupéron (2000, p. 34), as origens do paralelismo psicofísico enquanto posição filosófica se encontram em um trabalho anterior, publicado em 1851, e bem menos conhecido de Fechner, intitulado *Zend-Avesta*. Neste, o cientista afirmará que “o corpo [Körper] e o espírito ou o corpo [Leib] e a alma ou o material e o ideal ou o físico e o psíquico (...) não são diferentes nos termos de sua essência ou de seu fundamento, mas somente nos termos da diferença do ponto de vista por meio do qual nós os concebemos ou observamos”. E assim conclui: “o que se apresenta a mim – de um ponto de vista interno – como físico, não apresenta a alguém que se encontra em face – situado em um ponto exterior – senão sob outra forma, que é precisamente a expressão material da mesma coisa” (Fechner, 1901, p. 135). Mais adiante, Fechner estabelecerá uma relação entre sua posição paralelista e a hipótese do filósofo Baruch de Espinoza³⁴, uma hipótese que se encontra no segundo livro da sua *Ética* (Espinoza, 2015). No início do *Tratado* de 1860, o autor fará a crítica de três outras posições assumidas pela filosofia moderna, a saber, o dualismo cartesiano, o ocasionalismo de Malebranche e a harmonia pré-estabelecida de Leibniz (p. 5).³⁵

A reação funcionalista e o psiquismo como expressão da atividade cerebral global

Aquilo que estamos chamando aqui de reação funcionalista ao avanço do localizacionismo teve início nos anos 1870, consolidando-se a partir dos anos 1880 principalmente no interior da tradição médica de língua inglesa. Encontramos seus antecedentes no início do século XIX, em uma época em que certa versão da hipótese funcionalista poderia ser considerada como dominante, fazendo frente aos excessos da frenologia defendida por Gall e por seus seguidores.

Um dos principais representantes desta primeira versão, por assim dizer, da hipótese funcionalista foi sem dúvida o naturalista francês Pierre Flourens. Sua influência se estenderia dos anos 1820 até a segunda metade do século XIX, a ponto de encontramos a seguinte passagem no artigo de Fritsch e Hitzig de 1870 sobre a excitabilidade elétrica do telencéfalo: “Da soma de todos os nossos esforços concluimos que o espírito [Seele] não é, de modo algum, como pensavam Flourens e aqueles que o seguiram, uma espécie de função global da totalidade do cérebro (...) [mas sim] que as funções mentais [seelische Functionen] individuais, provavelmente todas elas, são certamente dependentes de um centro circunscrito do córtex cerebral (...)” (Fritsch e Hitzig, 1870, p. 332).

Um dos fundamentos da hipótese funcionalista de Flourens se encontra em seu primeiro grande trabalho sobre as propriedades do sistema nervoso, publicado em 1824. Em meio a sua exposição, o naturalista francês se colocará a seguinte questão: considerando que as faculdades então descritas parecem residir exclusivamente em um mesmo órgão, neste caso o cérebro, elas “ocupariam nele todas a mesma sede

34 Fechner, G.T. (1851). *Ibid.*, p. 155.

35 Para uma discussão mais longo sobre o assunto, consultar Heidelberger (2004).

ou, ao contrário, haveria para cada uma delas uma sede diferente?” (Flourens, 1824, p. xiii). A Esta questão Flourens responderá a partir de suas experiências dizendo que, “independente da gradação, ou da precisão da ablação dos lóbulos cerebrais, independente do ponto, da direção, dos limites dentro dos quais a ablação é realizada, a partir do momento em que uma sensação é perdida, todas o são, a partir do momento em que uma faculdade desaparece, todas desaparecem, o que nos leva a concluir que todas estas faculdades, todas estas sensações, todos os instintos, constituem essencialmente uma e apenas uma faculdade, residente essencialmente em um único órgão” (ibid, p. xiv). Enfim, o autor termina acrescentando que “um outro resultado não menos importante destas experiências é que os lóbulos cerebrais, o cerebelo e os tubérculos quadrigêmeos podem perder uma porção consideravelmente extensa da sua substância sem que haja perda no exercício das suas funções. Um resultado ainda mais precioso é que eles podem readquirir a totalidade destas funções após tê-las completamente perdido” (ibid, p. xiv). Ao que tudo indica, a posição do autor não irá mudar nos próximos vinte anos, como podemos ler na segunda edição desta mesma obra, “corrigida, aumentada e inteiramente refeita”, publicada em 1842.

Em outras palavras, Flourens sugere que as funções do sistema nervoso, incluindo aí as funções intelectuais, que se encontram associadas aos lóbulos cerebrais, constituem uma só e mesma faculdade, concluindo assim que pequenas lesões não afetaram a performance global do órgão e, de quebra, considerando a possibilidade de compensação funcional na ausência de uma das partes.

Ora, estes princípios atravessarão o século XIX e serão retrabalhados a luz de novas observações. Décadas mais tarde, quando Freud defende em seu trabalho sobre as afasias o princípio da “solidariedade das diferentes partes do córtex cerebral”, o neuropatologista de Viena não estaria fazendo outra coisa senão atualizar a hipótese de Flourens a partir de experiências recentes. No entanto, para que possamos bem entender esse movimento, será preciso antes compreender os princípios de um funcionalismo pós-localizacionista, quer dizer, um funcionalismo informado pelos fatos recentes e consciente das limitações do projeto flourensiano.

Uma das figuras centrais neste debate será o fisiologista inglês David Ferrier, então professor de medicina no *King's College* de Londres. Em 1876, em um trabalho de síntese intitulado *As funções do cérebro*, onde o autor se propõe a apresentar os resultados de suas próprias pesquisas sobre o assunto, Ferrier irá reconhecer e confirmar os resultados alcançados em 1870 por Fritsch e Hitzig no que diz respeito aos efeitos da estimulação elétrica da parte anterior dos lóbulos cerebrais. No entanto, contrariamente aos pesquisadores alemães, o fisiologista inglês irá questionar o impacto deste tipo de estimulação no tecido nervoso, perguntando-se se as zonas especiais isoladas por Fritsch e Hitzig realmente correspondem à sede cerebral das representações motoras por eles reproduzidas. Segundo Ferrier (1876, p. 128-32), não temos como atestar se a estimulação elétrica se restringe a regiões

precisas do córtex cerebral ou se ela acaba se propagando para as zonas vizinhas, incluindo aí às porções subcorticais ligadas a estas mesmas estruturas. Mais adiante, a partir de novas observações realizadas em macacos³⁶, o fisiologista demonstrará ainda algumas insuficiências dos experimentos de Fritsch e Hitzig (Ferrier, 1876, p. 138). O mesmo argumento será retomado dois anos mais tarde, em uma série de conferências realizadas por Ferrier sob o título *A localização das doenças cerebrais* (1878).

Nesta primeira obra de 1876, especialmente dedicada às funções do cérebro, Ferrier abordará também, ainda que de maneira breve, algumas questões de caráter filosófico diretamente ligadas ao problema mente-cérebro. Em um capítulo intitulado *Os hemisférios considerados do ponto de vista psicológico*, o médico inglês afirmará de maneira categórica, já em seus primeiros parágrafos, que “nenhuma pesquisa puramente fisiológica será capaz de explicar o fenômeno da consciência” (Ferrier, 1876, p. 255).

Segundo Ferrier, o estudo das “operações mentais” [*mental operations*] pertence à “ciência psicológica e aos métodos de investigação subjetivos”. Porém, prossegue o autor, é preciso reconhecer que “ao lançar luz sobre o substrato anatômico da consciência, os experimentos em fisiologia podem nos ajudar a elucidar algumas das relações ainda obscuras existentes entre as condições normais e anormais do cérebro, e entre as manifestações psíquicas normais e anormais” (ibid, p. 255). Mesmo assim, continua o fisiologista, por mais que o “cérebro seja o órgão do pensamento e que as operações mentais não sejam possíveis senão no e através do cérebro”, não temos como explicar de que modo “mudanças moleculares nas células cerebrais coincidem com modificações na consciência” ou como “as vibrações luminosas que chegam à retina excitam as modificações na consciência que resultam na chamada sensação visual” (p. 255). Por fim, o autor conclui dizendo que “nós podemos ter sucesso em determinar a natureza exata das mudanças moleculares que se produzem nas células cerebrais quando uma sensação é experienciada, mas isso não irá nos aproximar um só passo da explicação da natureza última que constitui a sensação. Um deles é objetivo, o outro subjetivo, e nenhum deles pode ser expresso nos termos do outro. Nós não podemos dizer que eles são idênticos, nem mesmo que um passe pelo outro, mas somente, segundo a expressão de Laycock, que os dois são correlatos [correlated] ou, com Bain, que as mudanças físicas e as modificações psíquicas são os lados, objetivo e subjetivo, de uma mesma ‘unidade de dupla-face’ [double-faced unity]” (p. 255-6).

A partir da leitura destas passagens, constatamos que Ferrier não se filia ao projeto localizacionista, rejeitando de maneira explícita suas versões mais radicais, representadas por autores como Meynert e Wernicke, para quem o psíquico e o fisiológico são “idênticos”. Ao mesmo tempo, não seria o caso de filia-lo ao projeto

36 Ver a parte final do capítulo 8, intitulado “fenômenos de irritação elétrica dos hemisférios cerebrais” de Ferrier (1876)

espiritualista, representado por filósofos que ainda insistiam em formas mitigadas de dualismo, concebendo uma interação entre as dimensões psíquicas e fisiológicas como se “um passasse pelo outro”. É neste sentido que poderíamos aproximá-lo em termos de filiação do projeto funcionalista de Flourens. Tratar-se-ia, no entanto, de um funcionalismo perpassado pelos avanços recentes da fisiologia cerebral e atravessado por uma tradição até agora pouco explorada neste artigo, a saber, o associacionismo inglês.

Logo na sequência dos trechos que acabamos de citar, Ferrier dará prosseguimento a seu texto fazendo uma longa citação de Bain, a partir da obra publicada pelo autor alguns anos antes, em 1873, com o título: *Mente e corpo, teorias das suas relações*. O autor faz referência aqui ao filósofo escocês Alexander Bain, então professor de Lógica na Universidade de Aberdeen e conhecido desde os anos 1850 em função da publicação de dois importantes trabalhos, *Os sentidos e o intelecto* e *As emoções e a vontade*. Em artigo publicado em 1859, John Stuart Mill fará um grande elogio a estas duas obras de Bain que, segundo ele, foram capazes de combinar os princípios da filosofia associacionista com as recentes descobertas da medicina a respeito do funcionamento do sistema nervoso.

Após consultar o trabalho de Bain, localizamos a citação de Ferrier em seu sexto capítulo, intitulado *Como estão unidos mente e corpo* (Bain, 1873, p. 120). A citação em questão começa com a seguinte passagem: “nós temos boas razões para crer na existência de uma **sequência material ininterrupta** [unbroken material succession] que acompanha todos os nossos processos mentais. Do ingresso de uma sensação até a sua resposta enquanto ato na saída, a sucessão mental não se separa por um só instante de uma sucessão física (...). Paralela a esta série mental, existe uma série de fatos físicos, a sucessiva agitação dos órgãos físicos (...). Na verdade, não há interrupção da continuidade nervosa. A única suposição plausível é que o mental e o físico avançam juntos, como gêmeos não separados. Consequentemente, quando falamos de uma causa mental, de um agente mental, estamos sempre diante de uma **causa de duas faces**; o efeito produzido não é unicamente da mente, mas da mente na companhia do corpo” (Ferrier, 1876, p. 256, Bain, 1873, p. 130-1).

Por fim, não seria dispensável salientar que o comentário de Ferrier termina com uma referência a John Hughlings Jackson (1873) que, em artigo intitulado *Pesquisas clínicas e fisiológicas sobre o sistema nervoso*, teria defendido o mesmo ponto de vista exposto por Bain a respeito das relações entre processos psíquicos e processos físicos. Este mesmo artigo se inicia com uma citação de Thomas Laycock, o segundo autor que será citado por Ferrier em 1876. Laycock havia sido professor de Hughlings Jackson em York, antes de integrar durante os anos 1850 o corpo docente da Universidade de Edimburgo (Critchley e Critchley, 1998). Em 1860, ele irá publicar em dois volumes a primeira edição de sua obra *Mente e cérebro*, trabalho onde Laycock irá expor a noção de “correlação”, então mencionada por Ferrier (Laycock, 1860, v.1, p. 12).

Ora, notamos aqui uma constelação de autores de língua inglesa que reúne os sólidos conhecimentos fisiológicos de Thomas Laycock, com as inovações de Hughlings Jackson e de David Ferrier no campo da neurofisiologia e da neuropatologia, todos eles acompanhados da clareza filosófica de orientação associacionista de Alexander Bain. Ao que tudo indica, Freud irá se servir deste conjunto de referências a partir da segunda metade dos anos 1880, justamente durante os anos que precederam a publicação de seu trabalho de 1891 sobre as afasias.³⁷

Retomando a citação disposta na introdução de nosso artigo, onde Freud discutirá pela primeira vez a noção de “concomitante dependente”, notamos que o futuro psicanalista defenderá textualmente que “o elemento psíquico” é “um processo paralelo ao fisiológico” e que “a cadeia de processos fisiológicos no sistema nervoso não estabelece propriamente uma relação de causalidade com os processos psíquicos”. Os processos fisiológicos, prossegue o autor, “não se interrompem dando lugar aos psíquicos, na verdade eles se prolongam, sendo que a partir de um dado momento um fenômeno psíquico passa a existir correspondendo a uma parte desta cadeia (ou a alguns de seus elementos)”.

Encontramos aqui pelos dois argumentos que já figuravam na passagem de Bain reproduzida por Ferrier em sua obra sobre as funções do cérebro. Em primeiro lugar, a ideia de que os processos fisiológicos no sistema nervoso não estabelecem uma relação de causalidade com os processos psíquicos. Nas palavras do filósofo escocês, se trataria neste caso de uma relação de “dupla face”, que não segue os princípios de implicação da causalidade tradicional. O segundo diz respeito à ideia de que os processos fisiológicos não se interrompem dando lugar aos psíquicos, argumento que será exprimido por Bain a partir da noção de “sequência material ininterrupta” que acompanha todos os nossos processos mentais. A estes dois argumentos, podemos acrescentar o uso da ideia de “paralelismo”.

Ora, ao retomar o contexto mais amplo no interior do qual Freud fará referência ao concomitante dependente, nos damos conta que as analogias com esta constelação de autores de língua inglesa se tornarão ainda mais significativas. Encontramos tal referência na parte 5 do seu trabalho, em uma sequência de parágrafos onde o futuro psicanalista discutirá as insuficiências da “doutrina de Meynert” para a concepção das afasias de Wernicke. Segundo essa doutrina, as imagens mnêmicas estariam contidas nas células que compõe os centros corticais (sistema projetivo) e conectadas pelas fibras de matéria branca subcorticais (sistema associativo). Freud começa a sua crítica evocando a “tendência de épocas anteriores da medicina de localizar faculdades mentais inteiras, tal como são definidas pelo seu uso linguístico em psicologia, em determinadas zonas do cérebro” (Freud, 1891, p. 56), sem dúvida uma referência implícita à frenologia de Gall e de seus

37 Hipóteses deste tipo já foram amplamente exploradas pela literatura secundária, a exemplo da tese de Hélio Honda, defendida no início dos anos 2000. Cf. Honda (2002).

seguidores. Neste sentido, continua o autor, a concepção de Wernicke, atravessada pela doutrina de Meynert, teriam avançado bastante a partir deste ponto, na medida em que se limitam a localizar apenas representações mentais isoladas. No entanto, se pergunta Freud, não estaríamos aqui “incorrendo fundamentalmente no mesmo erro” ao tentar localizar no cérebro um elemento psíquico? E, ainda, seria justificável fazer uma “uma fibra nervosa, que ao longo de seu percurso fora somente uma estrutura fisiológica submetida a modificações fisiológicas, interagir ao seu termo com o psíquico dotando sua terminação de uma representação ou de uma imagem mnêmica”?

Tais passagens nos fazem pensar nas palavras de Ferrier dispostas no início do seu capítulo sobre os hemisférios cerebrais, onde o autor dirá que, por mais que tenhamos sucesso em “em determinar a natureza exata das mudanças moleculares que se produzem nas células cerebrais quando uma sensação é experienciada”, isso “não irá no aproximar um só passo da explicação da natureza última que constitui a sensação”, posto que um destes fenômenos é objetivo e o outro subjetivo, e que “nenhum deles pode ser exprimido nos termos do outro”.

Mais adiante, no parágrafo que se sucede àquele onde a noção de concomitante dependente será discutida, Freud nos dirá que, do ponto de vista puramente psicológico, uma “*representação simples*” [*einfache Vorstellung*] é algo de elementar, que pode ser identificada com precisão em relação às suas “*conexões*” [*Vorbindungen*] com representações do mesmo tipo, mas cuja identificação com seu correlato fisiológico seria “*totalmente injustificada*” (Freud, 1891, p. 57). Ora, esta passagem nos reenvia diretamente para aquela onde Ferrier afirma que as operações mentais pertencem à “ciência psicológica e aos métodos de investigação subjetivos”, e não à fisiologia, ainda que esta última seja capaz de lançar luz sobre processos que podem influenciar a dinâmica psíquica.

A estes elementos textuais, gostaríamos ainda de acrescentar um elemento contextual digno de nota. Fazendo uma busca no acervo que compunha a biblioteca pessoal de Freud (Davis e Fichtner, 2006), encontramos uma versão alemã da obra de Ferrier, traduzida pelo médico vienense Heinrich Obersteiner e publicada na Alemanha em 1879. Obersteiner era *Privatdocent* na Faculdade de medicina de Viena desde 1873 e, no ano seguinte à publicação desta tradução, em 1880, se tornaria *Extraordinarius* em Fisiologia e patologia cerebral nesta mesma instituição (Puschmann, 1884, p. 311)³⁸. Em 1888, ele publicará um influente manual de anatomia e patologia cerebral que, segundo alguns historiadores, está entre os mais importantes textos de síntese sobre o assunto publicados nos países de língua alemã entre os anos 1880 et 1890 (Lesky, 1965, p. 388).³⁹ Paralelamente, Obersteiner

38 A progressão de carreira na Universidade de Viena incluía, nesta ordem, os postos de *Privatdocent*, *Extraordinarius* e *Ordinarius*.

39 A presente obra de Obersteiner (1888) será traduzida para o inglês e publicada já em 1890, e para o francês em 1893, a partir de sua segunda edição.

dirigia um Asilo privado na região de Viena, o *Privattheilanstalt* de Ober-Döbling, onde Freud, então interno (*Sekundararzt*) no Hospital geral de Viena, permaneceria três semanas na função de suplente durante o mês de junho de 1885⁴⁰. Sabemos que durante este mesmo mês junho, Obersteiner publicaria o texto de uma conferência realizada em março sobre hipnotismo,⁴¹ uma prática psicoterapêutica empregada no asilo por ele dirigido.⁴² Ora, no final de 1885, após terminar sua formação clínica e ocupar um posto de *Privatdocent* na Faculdade de medicina de Viena, Freud passará alguns meses em Paris, no serviço dirigido por Jean-Martin Charcot, no Hospital da Salpêtrière. Lembramos que Charcot era um grande admirador da obra científica de David Ferrier, fazendo traduzir suas obras para o francês. Sabemos que o próprio Ferrier era também um entusiasta das pesquisas conduzidas pelo neuropatologista da Salpêtrière, dedicando inclusive a Charcot sua obra publicada em 1878 sobre a localização cerebral das doenças.⁴³ Por fim, cabe salientar que em matéria de psicologia, Charcot irá se apropriar sem reserva dos trabalhos do filósofo francês Théodule Ribot, um grande leitor dos autores de língua inglesa, em particular de Hughlings Jackson (Nicolas, 2005).⁴⁴

Testemunhamos aqui uma série de relações que vem dar sustentação às relações teóricas e científicas estabelecidas entre Freud e a tradição neuropatológica de língua inglesa, um contato que irá se afirmar também por intermédio de Charcot e provavelmente de Obersteiner. A este propósito, seria o caso de chamar a atenção para o fato que Charcot era um crítico do localizacionismo estrito, tendo publicado já nos anos 1860 um artigo clínico que vinha problematizar as afirmações categóricas feitas por Broca a respeito da sede cortical das afasias motoras (Charcot, 1863). Durante os anos 1880, Charcot irá ainda desenvolver toda uma teoria das afasias sensoriais, caminhando na contramão das hipóteses localizacionistas recém-estabelecidas por Wernicke na Alemanha.⁴⁵ Um dos poucos autores de língua alemã citados pelo neuropatologista francês será Adolf Kussmaul, professor de medicina em Estrasburgo, cuja obra *Os distúrbios da linguagem*, inicialmente publicada em 1877, será traduzida na França em 1884. Porém, uma das principais referências de Charcot a respeito das afasias não era

40 A este respeito, ver as cartas enviadas por Freud a Martha Bernays entre os dias 6 e 8 de junho de 1885, em: Freud e Freud (1980)

41 Sobre as relações de Freud e Obersteiner em torno do hipnotismo, ver Fichtner e Hirschmüller (1988) e Fichtner e Hirschmüller (1988). “Freud et l’hypnose : un compte rendu encore inconnu de l’écrit d’Obersteiner ‘L’hypnotisme’ (1887)”, *Revue Internationale d’Histoire de la Psychanalyse*, 1, pp. 405-417.

42 Sobre o assunto, ver relatório oficial desta instituição, em Obersteiner (1891).

43 Cf. Ferrier (1878). Ver folha de rosto onde o autor faz a seguinte dedicatória: “*À M. Charcot, em reconhecimento dos seus proeminentes serviços na localização das doenças cerebrais*”.

44 As referências do filósofo francês a Hughlings Jackson se encontram fundamentalmente em sua obra de 1881, sobre as doenças da memória. Cf. Ribot (1881). Para uma síntese das contribuições de Hughlings Jackson, ver o estudo clássico de López Piñero (1973).

45 Para um comentário bastante completo sobre as teorias de Charcot sobre as afasias, ver Gasser (1995).

nem alemã, nem francesa, mas sim inglesa, correspondendo em grande medida aos trabalhos de John Hughlings Jackson.

Será durante os mesmos anos 1880, mais precisamente em 1884, que Hughlings Jackson irá apresentar pela primeira vez a chamada hipótese do “concomitante dependente”, tal como Freud a nomeia em 1891 fazendo citando um artigo publicado pelo autor inglês entre 1878 e 1879⁴⁶. Na verdade, como insistem os editores da nova edição crítica do trabalho de Freud sobre as afasias,⁴⁷ Hughlings Jackson jamais utilizaria a expressão “*a dependente concomitante*”, mas sim aquela de “*doctrine of Concomitance*”.

Na terceira das suas *Croonian Lectures* sobre a *Evolução e dissolução do sistema nervoso*, realizada no mês de março de 1884, diante do *Royal College of Physicians* de Londres, o neurologista inglês definirá sua doutrina a partir de três enunciados básicos: (1) “*os estados de consciência (sinônimo de estados da mente) são absolutamente diferentes dos estados nervosos*”; (2) “*as duas coisas ocorrem juntas - para cada estado mental há um estado nervoso correlato*”; (3) “*embora as duas coisas ocorram em paralelismo, não há interferência de uma sobre a outra*”. Enfim, conclui o autor, “isso deve ser chamado a doutrina da concomitância” (Hughlings Jackson, 1884, p. 706).

A fim de ilustrar sua posição, Hughlings Jackson dá continuidade à mesma passagem dizendo que, “no caso da percepção visual, existe um circuito físico ininterrupto, uma ação reflexa completa, começando pela extremidade sensorial periférica, passando pelos centros superiores e terminando na extremidade muscular periférica. A imagem visual, um estado puramente mental, ocorre no paralelismo com – **emergindo durante** (e não **a partir de**) – as atividades dos dois elos mais altos desta cadeia puramente física; ela fica por assim dizer ‘fora’ destes elos” (ibid, p. 706). O neurologista termina a passagem referenciando uma série de autores que defenderiam de maneira implícita ou explícita esta mesma doutrina, como John Stuart Mill, Herbert Spencer, Alexander Bain, Thomas Henry Huxley, Thomas Laycock, e David Ferrier.⁴⁸

Esse mesmo ponto de vista será exposto em 1887a, no artigo *Considerações sobre a evolução e a dissolução do sistema nervoso*, onde Hughlings Jackson retoma o problema mente-cérebro se propondo a discutir a relação entre os “*estados conscientes*” [*Consciousness*] e a “*atividade dos centros superiores*”. Buscando situar sua posição, o neurologista irá evocar a metáfora do relógio introduzida por Leibniz,⁴⁹ apresentando, na sequência, três soluções possíveis à esta questão. De acordo com a

46 Referência indireta de Freud a Hughlings Jackson, J. (1878-79). “On affections of speech form disease of the Brain”, *Brain*, 1(3), pp. 304-330, 2(2), pp. 203-222, 2(3), pp. 323-356.

47 Cf. Freud (1992, p. 98). Edição crítica organizada por Paul Vogel, com contribuições de Ingeborg Meyer-Palmedo e prefaciada por Wolfgang Leuschner.

48 A lista de autores citada por Hughlings Jackson incluem ainda: William Hamilton, William Kingdon Clifford, Max Müller, Emil du Bois-Reymond, John Tyndall e Herman (Ibid, p. 706).

49 Tal metáfora, que não será desenvolvida em nosso artigo, se encontra no texto de 1696 publicado em Leibniz (1994, p. 81-3) com o título “*Considerações sobre a harmonia da alma e do corpo*”.

primeira delas, “a mente age sobre o sistema nervoso” enquanto entidade imaterial. Trata-se claramente aqui da posição dualista que, segundo o neurologista, nos obriga a supor a existência de uma entidade não material capaz de produzir efeitos no mundo físico. De acordo com a segunda, “as atividades dos centros superiores e os estados mentais são uma só e mesma coisa, ou diferentes lados de uma mesma coisa”. Trata-se aqui, sem dúvida, da hipótese do paralelismo psicofísico sustentada pelos localizacionistas. Por fim, de acordo com a terceira, que coincide com aquela defendida pelo próprio autor, os mesmos enunciados apresentados em 1884 serão aqui reproduzidos, apontando para uma visão intermediária entre o espiritualismo filosófico e um materialismo radical, este último entendido pelo neurologista como ingênuo. O mesmo argumento será defendido por Hughlings Jackson em um segundo artigo publicado no mesmo ano (1887b), e com o mesmo título, no periódico irlandês *Medical Press and Circular*.

Ora, a despeito da imprecisão conceitual de Freud, é precisamente à chamada doutrina da concomitância que ele fará referência ao empregar a expressão “concomitante dependente”. Uma das aplicações práticas desta doutrina será realizada pelo futuro psicanalista em relação à clínica das “afasias motoras transcorticais”, tal como elas haviam sido descritas em 1885 por Ludwig Lichtheim. A partir de uma história clínica apresentada em 1889 por Otto Heubner, Freud conclui na terceira e na quarta parte de seu trabalho que casos deste tipo – caracterizados por uma perda da fala espontânea acompanhada de conservação da capacidade de repetir palavras – só poderiam ser explicados pela ação “solidária” de diferentes centros corticais associados à função linguística, posto que as lesões observadas no cérebro deste paciente não ocupavam nenhuma zona “transcortical”. Ambos os centros, motor e sensorial, haviam sido tocados mais não completamente destruídos. Como argumenta Freud (1891, p. 45), que retoma por intermédio da tradição inglesa a noção funcionalista de solidariedade cortical inicialmente proposta por Flourens em 1824, o aparelho de linguagem deve ser capaz nestas condições de operar uma “*mudança funcional contra lesões indiretamente destrutivas*”. Tais mudanças funcionais, que podem ser consideradas como uma espécie de “solução de compromisso” entre as diferentes partes deste aparelho, poderão também provocar “*perturbações funcionais*” [*Functionsstörung*]. Segundo o autor, estas mesmas perturbações poderiam ainda se manifestar na ausência de lesões corticais (Freud, 1891, p. 32), como nos casos de parafasia puramente funcional, que tanto se assemelham aos lapsos verbais produzidos pelos neuróticos (Freud, 1891, p. 13-4).⁵⁰

Seja como for, independente da presença ou da ausência de dano material, ou mesmo de alteração patológica, cada uma destas mudanças funcionais deverá seguir os princípios econômicos da excitabilidade diferencial dos centros, tal como proposto pelo neurologista inglês Charles Bastian; assim como os princípios

50 Freud retomará este mesmo raciocínio aproximadamente dez anos mais tarde, em seu *Psicopatologia da vida cotidiana*.

genéticos da evolução e da dissolução das funções do sistema nervoso, tal como propõe Hughlings Jackson. As analogias com o modelo psicanalítico são inúmeras. No entanto, estes pontos não serão desenvolvidos no contexto deste artigo.⁵¹

Conclusão

A partir do percurso aqui proposto, podemos concluir que, enquanto neuropatologista, Freud se alinhará em um primeiro momento a uma tradição médica que, desde as primeiras décadas do século XIX, irá se opor à filosofia espiritualista e às doutrinas vitalistas. No que diz respeito ao problema mente-corpo, este posicionamento irá afastá-lo de concepções dualistas baseadas na oposição entre psiquismo e sistema nervoso, assim como de concepções não fisicalistas do fenômeno biológico, próprias ao pensamento vitalista ou romântico. Contra os espiritualistas, Freud se filia a uma tradição monista; contra os vitalistas e os românticos, Freud se filia a uma tradição materialista.

Enquanto monista e materialista o neuropatologista de Viena se posicionará de maneira crítica em um segundo momento às formas de materialismo demasiado restritivas, como aquelas representadas pelo movimento localizacionista. Dentre estas formas mais restritivas de materialismo, podemos citar a doutrina topográfica de Meynert, fundada na hipótese dos sistemas projetivos e associativos e no conceito de imagem mnêmica. Fazendo oposição a este movimento, Freud irá recorrer aos modelos funcionalistas defendidos pela tradição médica de língua inglesa, representada na época por autores como Ferrier, autores que por sua vez seriam influenciados pela psicologia fisiológica associacionista desenvolvida pelo filósofo escocês Alexander Bain. Sabemos que esta mesma tradição causará um impacto sobre a neuropatologia francesa através dos trabalhos de Charcot que, por sua vez, irão se inspirar nas contribuições filosóficas de Théodule Ribot.

Em meio a este cruzamento de influências, vemos emergir o nome de John Hughlings Jackson, neurologista inglês que irá se apropriar dos saberes produzidos no interior destas duas tradições, localizacionista e funcionalista, formalizando em 1884 a chamada doutrina da concomitância. Segundo esta doutrina: os ditos estados mentais serão considerados como absolutamente diferentes dos estados nervosos; as duas coisas ocorrendo juntas, quer dizer, para cada estado mental há um estado nervoso correlato; e, por fim, embora as duas coisas ocorram em paralelismo, não há interferência de uma sobre a outra. Em 1891, Freud irá assimilar esta doutrina aplicando-a ao problema das afasias, adotando ainda um dos seus pressupostos teóricos, a saber, as hipóteses de Hughlings Jackson a respeito da evolução e dissolução do sistema nervoso.

Considerações finais

Ao associar Freud a uma tradição monista e materialista, acabamos perdendo de vista outra possível grande fonte de inspiração freudiana, por vezes afirmada com

51 Para um aprofundamento a este respeito, ver o sétimo capítulo de Padovan (2018).

fervor pelos historiadores da psicanálise. Referimo-nos aqui ao romantismo alemão. Ora, com base no exposto acima e de um ponto de vista estritamente conceitual, somos levados no mínimo relativizar uma tal influência. Assim, seríamos levados a distinguir aquilo que seria da ordem da influência daquilo que é da ordem de uma simples inspiração. O gosto de Freud por autores normalmente associados a este movimento filosófico e literário, como Schiller e Goethe, não parece realmente influenciar – ao menos não diretamente – suas concepções científicas. Tal consideração fica ainda mais evidente se evocarmos aqui o nome de um outro romântico, Schelling, cujos princípios de filosofia natural serão diretamente questionados por Freud.

A estes elementos, podemos somar ainda outros considerados por nós como importantes do ponto de vista conceitual, mas que acabaram não sendo desenvolvidos no corpo do artigo. Começamos pelas concepções de Josef Breuer a respeito do problema mente-corpo, que serão explicitadas em 1895 no capítulo 3 dos *Estudos sobre a histeria*. Neste trabalho, Breuer concebe o psiquismo em sua íntima relação com os processos fisiológicos, adotando uma posição condizente com o funcionalismo. Esta posição será assumida de maneira mais clara em cartas enviadas pelo médico vienense a alguns de seus colegas, assim como a partir do estudo da sua produção teórica, como nos demonstra Albrecht Hirschmüller (1978, 1991). Permanecendo nesta mesma década, não poderíamos deixar de lembrar das elaborações de Freud presentes em seu *Projeto de psicologia científica*, principalmente no que diz respeito ao estatuto da memória, tal como nos demonstra Richard Simanke (2019) em artigo recente citado por nós na introdução.

Mais adiante, pensando no desenvolvimento propriamente dito da psicanálise, lembramos que em *A interpretação dos sonhos* (1900), a noção de aparelho psíquico será igualmente pensada em sua relação com o fisiológico. Ao ser descrito a partir de suas duas extremidades, sensorial e motora, ele reflete um modelo de psicologia fisiológica bastante frequentado na época, por médicos e neurologistas. Já nos anos 1910, em meio aos artigos metapsicológicos, Freud será categórico ao afirmar em seu texto sobre o Narcisismo que “não podemos nos esquecer de que todas as nossas provisórias concepções psicológicas deverão um dia poder se assentar sobre substratos orgânicos” (Freud, 1914, p. 5).⁵² Por fim, em um de seus últimos trabalhos, datado de 1938 e publicado postumamente, o neuropatologista de Viena dirá: “A psicanálise parte de um pressuposto fundamental, cuja discussão fica reservada ao pensamento filosófico e cuja justificação repousa sobre seus resultados. Sobre aquilo que chamamos psique (vida mental), conhecemos duas coisas, por um lado seu órgão corpóreo e seu campo de ação, o cérebro (sistema nervoso), por nossos atos conscientes, acessíveis de maneira imediata, e dos quais não podemos nos aproximar através de nenhuma descrição [anatômica]. Tudo que se encontra entre estas duas

52 “...muß man sich daran erinnern, daß all unsere psychologischen Vorläufigkeiten einmal auf den Boden organischer Träger gestellt werden sollen”.

coisas nos é desconhecido. *Não há relação direta entre as duas extremidades do nosso conhecimento. Se ela existisse, forneceria no máximo uma localização exata dos processos conscientes, não fazendo nada pela sua compreensão*” (Freud, 1940, p. 9).⁵³ De uma forma ou de outra, encontramos aqui diversos elementos que nos permitem associar esta posição tardia de Freud à doutrina da concomitância, tal como ela foi originalmente proposta por Highlings Jackson durante os anos 1880.

Parece haver pouco espaço aqui para equívocos, razão pela qual somos levados a crer que toda e qualquer hipótese histórica que negue categoricamente o vínculo de Freud a uma tradição organicista de orientação funcionalista estará possivelmente prestando contas a discursos pós-freudianos, mas não à obra de um autor do século XIX, que via a psicologia como um apêndice, talvez temporário, de um saber médico sobre as propriedades do sistema nervoso central. Dentre os filósofos que, durante o século XX, acabaram chamando a atenção para esta posição, podemos citar aqui Paul Ricœur, que defenderá em seu *Da interpretação* (1965) a talvez ainda mal compreendida hipótese do discurso misto. Monzani já apontava no início dos anos 1990, em *Discurso filosófico e discurso psicanalítico: balanço e perspectivas*, que a leitura de Ricœur estava entre as mais rigorosas em termos conceituais. Quem sabe fosse interessante investigar o caráter misto deste discurso mais de perto, que poderá nos revelar facetas da obra freudiana até então pouco exploradas pelo discurso filosófico.⁵⁴

53 “Die Psychoanalyse macht eine Grundvoraussetzung, deren Diskussion philosophischem Denken vorbehalten bleibt, deren Rechtfertigung in ihren Resultaten liegt. Von dem, was wir unsere Psyche (Seelenleben) nennen, ist uns zweierlei bekannt, erstens das körperliche Organ und Schauplatz desselben, das Gehirn (Nervensystem), andererseits unsere Bewusstseinsakte, die unmittelbar gegeben sind und uns durch keinerlei Beschreibung näher gebracht werden können. Alles dazwischen ist uns unbekannt, eine direkte Beziehung zwischen beiden Endpunkten unseres Wissens ist nicht gegeben. Wenn sie bestünde, würde sie höchstens eine genaue Lokalisation der Bewusstseinsvorgänge liefern und für deren Verständnis nichts leisten”.

54 Encontramos no trabalho de Freitas Pinto (2016) um interessante ponto de partida para este debate.

Referências bibliográficas:

- Ackerknecht, E.H. 1986. *La médecine hospitalière à Paris 1794-1848*, trad. François Blateau. Paris: Payot.
- Adam, C. Tannery, P. (org.). 1904. *Œuvres de Descartes. Meditations et principes*, tome IX. Paris: Léopold Cerf.
- Arnold, T.F.K. 1805. *Dr. Joseph Gall's System des Gehirn- und Schädelbaues nach den, bis jetzt über seine Theorie erschienenen Schriften*. Erfurt: Henning.
- Azouvi, F. 1984. "Psychologie et physiologie en France 1800-1830", *History and Philosophy of the Life Sciences*, 6(2): 151-170.
- Baertschi, B. 1992. *Les rapports de l'âme et du corps. Descartes, Diderot et Maine de Biran*. Paris: Vrin.
- Bain, A. 1855. *The senses and the intellect*. Londres: John W. Parker and Son.
- Bain, A. 1859. *The emotions and the will*. Londres: John W. Parker and Son.
- Bain, A. 1873. *Mind and body. The theories of their relation*. New York, D. Appleton & Company.
- Barthez, P.-J. 1778. *Nouveaux éléments de la science de l'homme*. Montpellier: Jean Matel, aîné.
- Bayle A.-L.-J. 1822. "Recherches sur les maladies mentales". Doutorado, Faculté de médecine de Paris.
- Bernard, C. 1865. *Introduction à l'étude de la médecine expérimentale*. Paris: J. B. Baillière et Fils.
- Bernfeld, S. 1844. "Freud's Earliest Theories and the School of Helmholtz", *The Psychoanalytic Quarterly*, 13: 341-362.
- Bichat, X. 1799. *Traité des membranes en général et de diverses membranes en particulier*. Paris: Richard, Caille et Ravier.
- Bichat, X. 1800. *Recherches physiologiques sur la vie et la mort*. Paris: Brosson, Gabon et Cie.
- Bichat, X. 1801-3. *Traité d'anatomie descriptive*, 5 vol. Paris: Gabon et Cie, Brosson.
- Bichat, X. 1822. *Recherches physiologiques sur la vie et la mort*, augmentée de notes par Magendie. 4^{ème} Éd. Paris: Béchet Jeune, Gabon.
- Blöde, K.A. 1807. *Dr. F.J. Galls neue Entdeckungen in der Gehirn-, Schedel- und Organenlehre*. Carlsruhe: C.F. Müller.
- Bouillaud, J.-B. 1839. "Exposition de nouveaux faits à l'appui de l'opinion qui localise dans les lobules antérieurs du cerveau le principe législateur de la parole ; examen préliminaire des objections dont cette opinion a été le sujet", *Bulletin de l'Académie royale de médecine*, 4: 282-328.
- Breathnach, C.S. 1992. "Eduard Hitzig, neurophysiologist and psychiatrist", *History of Psychiatry*, 3: 329-338.
- Breuer, J. Freud, S. 1895. *Studien über Hysterie*. Leipzig und Wien: Franz Deuticke.
- Broca, P. 1861a. "Perte de la parole, ramollissement chronique et destruction partielle du lobe antérieur gauche du cerveau", *Bulletin de la société d'anthropologie de*

- Paris*, 2: 235-238.
- Broca, P. 1861b. “Remarque sur le siège de la faculté du langage articulé, suivie d’une observation d’aphémie (perte de la parole)”, *Bulletin et mémoires de la Société Anatomique de Paris*, 36: 330-357.
- Broca, P. 1861c. “Nouvelle observation d’aphémie produite par une lésion de moitié postérieure des deuxième et troisième circonvolutions frontales”, *Bulletin et mémoires de la Société Anatomique de Paris*, 36: 398-407.
- Broca, P. 1865. “Sur le siège de la faculté du langage articulé”, *Bulletin de la société d’anthropologie de Paris*, 6: 377-393, 412-414, 417.
- Brücke, E.W. von. 1873. *Vorlesungen über Physiologie*, zweiter Band. Vienne: Wilhelm Braumüller.
- Canguilhem, G. 1994. *Études d’histoire et de philosophie des sciences*. Paris: Vrin.
- Carroy, J. Ohayon, A. Plas, R. 2006. *Histoire de la psychologie en France, XIXe-XXe siècles*. Paris: La Découverte.
- Charcot, J.-M. 1863. “Sur une nouvelle observation d’aphémie”, *Gazette hebdomadaire de médecine et de chirurgie*, 10: 473-474.
- Condillac, E.B. 1754. *Traité des sensations*, 2 vol. Londres, Paris: De Bure.
- Cranefield, P.F. 1966. “Freud and the ‘School of Helmholtz’”, *Gesnerus: Swiss Journal of the history of medicine and sciences*, 23(1-2): 35-39.
- Crignon, C. 2011. “La découverte de la circulation sanguine: révolution ou refonte”, *Gesnerus: Swiss Journal of the history of medicine and sciences*, 68(1): 5-25.
- Critchley, M. Critchley, E.A. 1998. *John Hughlings Jackson, Father of english neurology*. New York, Oxford: Oxford University Press.
- Davis, J.K. Fichtner, G. 2006. *Freud’s library: a comprehensive catalogue*. London: Freud Museum. CD-catalogue.
- Delaye, J.-B, Foville, A. 1821. “Considérations sur les causes de la folie, et leur mode d’action ; suivies de recherches sur la nature et le siège spécial de cette maladie”, *Nouveau Journal de Médecine, Chirurgie, Pharmacie*, 12(9): 110-148.
- Delaye, J.-B. 1824. *Considérations sur une espèce de paralysie qui affecte particulièrement les aliénés*. Tese de medicina, Faculté de médecine de Paris.
- Descartes, R. 1999. *Meditações sobre filosofia primeira*. Campinas: CEMODECON.
- Du Bois-Reymond E. 1848-9. *Untersuchungen über thierische Elektrizität*, 2 vol. Berlin: Georg Reimer.
- Dupéron, I. 2000. *G.T. Fechner, le parallélisme psychophysique*. Paris: PUF.
- Engelhardt, H.T. 1975. “John Hughlings Jackson and the mind-body relation”, *Bulletin of the History of Medicine*, 49(2): 137-151.
- Espinoza, B. 2015. *Ética*. São Paulo: EDUSP.
- Falret, J. 1865. “Aphasie, aphémie, alalie”, In J. Raige-Delorme, A. Dechambre (dir.). *Dictionnaire encyclopédique des sciences médicales*, t.5, pp. 605-644.
- Fechner, G.T. 1860. *Elemente der Psychophysik*, 2 vol. Leipzig: Breitkopf und Härtel.
- Fechner, G.T. 1901. *Zend-Avesta, oder über die Dinge des Himmels und des Jenseits*,

- vol. 2. Hamburg und Leipzig: Leopold Voss.
- Ferrier, D. 1876. *The functions of the brain*. Londres: Smith, Elder, & CO.
- Ferrier, D. 1878. *The localisation of cerebral disease*. Londres: Smith, Elder, & CO.
- Ferrier, D. 1879. *Die Functionen des Gehirnes*, trad. Heinrich Obersteiner. Braunschweig: Friedrich Vieweg und Sohn.
- Fichtner, G. Hirschmüller, A. 1988. "Freud et l'hypnose : un compte rendu encore inconnu de l'écrit d'Obersteiner 'L'hypnotisme' (1887)", *Revue Internationale d'Histoire de la Psychanalyse*, 1: 405-417.
- Fichtner, G. Hirschmüller, A. 1988. "Sigmund Freud, Heinrich Obersteiner und die Diskussionen über Hypnose und Kokain", *Jahrbuch der Psychoanalyse*, 23: 105-137.
- Finkelstein, G. 2013. *Emil du Bois-Reymond. Neuroscience, Self, and Society in Nineteenth Century Germany*. Cambridge: The MIT Press.
- Flourens, P. 1824. *Recherches expérimentales sur les propriétés et les fonctions du système nerveux, dans les animaux vertébrés*. Paris: Crevot.
- Flourens, P. 1842. *Examen de la phrénologie*. Paris: Paulin.
- Flourens, P. 1842. *Recherches expérimentales sur les propriétés et les fonctions du système nerveux, dans les animaux vertébrés*. 2^{ème} éd. Paris: J.-B. Baillière.
- Flourens, P. 1863. *De la phrénologie et des études vraies sur le cerveau*. Paris: Garnier Frères.
- Foucault, M. 2015. *La naissance de la clinique*, 9^{ème} Éd. Paris: PUF.
- Foville, A.L. Pinel-Grandchamp, F. 1823. *Recherches sur le siège spécial de différentes fonctions du système nerveux*. Paris: Bobée.
- Freitas Pinto, W.C. 2016. Do círculo à espiral: por uma história e método da recepção filosófica da psicanálise segundo o freudismo filosófico francês (Ricoeur) e a filosofia brasileira da psicanálise (Monzani). Doutorado, Universidade Estadual de Campinas.
- Freud, E. Freud, L. 1980. *Briefe 1873-1939*. Frankfurt: S. Fischer.
- Freud, S. 1891. *Zur Auffassung der Aphasien. Eine kritische Studie*. Leipzig und Wien: Franz Deuticke.
- Freud, S. 1900. *Die Traumdeutung*. Leipzig und Wien: Franz Deuticke.
- Freud, S. 1914. "Zur Einführung des Narzißmus", *Jahrbuch der Psychoanalyse*, 6: 1-24
- Freud, S. 1940. "Abriss der Psychoanalyse", *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse und Imago*, 25(1): 8-67.
- Freud, S. 1979. *A interpretação das afasias*, tradução de A. Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70.
- Freud, S. 1992. *Zur Auffassung der Aphasien. Eine kritische Studie*. Frankfurt: Fischer.
- Freud, S. 2013. *Sobre a concepção das afasias: um estudo crítico*, tradução de E. de Brito Rossi. Obras incompletas de Sigmund Freud. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

- Freud, S. 2014. “Sobre a concepção das afasias: um estudo crítico”. In S. Freud, & L. A. Garcia-Roza, Sobre a concepção das afasias/As afasias de 1891, tradução de R. D. Mundt. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.
- Fritsch, G.T. Hitzig, E. 1870. “Ueber die elektrische Erregbarkeit des Grosshirns”, *Archiv für Anatomie, Physiologie und wissenschaftliche Medicin*, Jahrgang 1870: 300-332.
- Gall, F.J. 1807. *Cranologie ou découvertes nouvelles du docteur F.J. Gall, concernant le cerveau, le crâne, et les organes*. Paris: H. Nicolle.
- Gall, F.J. 1825. *Sur l'organe des qualités morales et des facultés intellectuelles, et sur la pluralité des organes cérébraux*. Paris: J-B. Baillière.
- Gall, F.J. Spurzheim, J.G. 1809. *Recherches sur le système nerveux en général, et sur celui du cerveau en particulier. Mémoire présenté à l'institut de France, le 14 mars 1808*. Paris: F. Schoell, H. Nicolle.
- Gall, F.J. Spurzheim, J.G. 1810-9. *Anatomie et physiologie du système nerveux en général et du cerveau en particulier, avec des observations sur la possibilité de reconnaître plusieurs dispositions intellectuelles et morales de l'homme et des animaux par la configuration de leurs têtes*, 5 tomes. Paris : F. Schoell.
- Gasser, J. 1995. *Aux origines du cerveau moderne : localisations, langage et mémoire dans l'oeuvre de Charcot*. Paris: Fayard.
- Gillot, P. 2007. *L'esprit, figures classiques et contemporaines*, Paris: CNRS Éditions.
- Guedj, M. 2007. “À propos de l'ouvrage d'Helmholtz *Über die Erhaltung der Kraft* sur un principe limité de la conservation de l'énergie”, *Philosophia Scientia*, 11(2): 1-25.
- Gusdorf, G. 1985. *Le savoir romantique de la nature*. Paris: Payot.
- Haigh, E.L. 1977. “The vital principle of Paul Joseph Barthez: the clash between monism and dualism”, *Medical History*, 21(1): 1-14.
- Haigh, E.L. 1984. *Xavier Bichat and the Medical Theory of the Eighteenth Century*. London: Wellcome Institute for the History of Medicine.
- Hécaen, H. Lanteri-Laura, G. 1978. *Évolution des connaissances et des doctrines sur les localisations cérébrales*. Paris: Desclée De Brouwer.
- Heidelberger, M. 2004. *Nature from within, Gustav Theodor Fechner and his psychophysical worldview*. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press.
- Helmholtz, H. von 1847. *Über die Erhaltung der Kraft, eine physikalische Abhandlung, vorgetragen in der Sitzung der physikalischen Gesellschaft zu Berlin am 23sten Juli 1847*. Berlin: G. Reimer.
- Helmholtz, H. von 1850. “Note sur la vitesse de propagation de l'agent nerveux dans les nerfs rachidiens”, *Comptes Rendus Hebdomadaires des Séances de l'Académie des Sciences*, 30: 204-206.
- Helmholtz, H. von 1867. “Mittheilung, betreffend Versuche über die Fortpflanzungsgeschwindigkeit der Reizung in den motorischen Nerven des Menschen”. In H. von Helmholtz. 1883. *Wissenschaftliche Abhandlungen*, vol.

2. 932-938. Leipzig: Johann Ambrosius Barth.
- Heubner, O. 1889. "Ueber Aphasie. Berichte der medicinischen Gesellschaft zu Leipzig, Sitzung am 30. Juli 1889", *Schmidt's Jahrbücher der in- und ausländischen gesammten Medecin*, 224: 220-222.
- Hirschmüller, A. 1978. *Physiologie und Psychoanalyse in Leben und Werk Josef Breuers*. Tübingen: Hans Huber.
- Hirschmüller, A. 1991. *Josef Breuer*, Trad. Marielène Weber. Paris: PUF.
- Hitzig, E. 1874. *Untersuchungen über das Gehirn: Abhandlungen physiologischen und pathologischen Inhalts*. Berlin: August Hirschwald.
- Holmes, F.L. 1999. "La physiologie et la médecine expérimentale". In M.D. Grmek (org). *Histoire de la pensée médicale en Occident*, trad. Louise L. Lambrichs, vol. 3. 59-95. Paris: Éd. du Seuil
- Honda, H. 2002. "Raízes britânicas da psicanálise: as apropriações de Stuart Mill e Hughlings Jackson por Freud". Doutorado, Universidade Estadual de Campinas.
- Hughlings Jackson, J. 1878-79. "On affections of speech form disease of the Brain", *Brain*, 1(3): 304-330, 2(2), pp. 203-222, 2(3), pp. 323-356.
- Hughlings Jackson, J. 1884. "Croonian Lectures on Evolution and Dissolution of the Nervous System", *British Medical Journal*, 1884: 591-593, 660-663, 703-707.
- Hughlings Jackson, J. 1887a. "Remarks on Evolution and Dissolution of the Nervous System", *Journal of Mental Science*, 33(141): 25-48.
- Hughlings Jackson, J. 1887b. "Remarks on Evolution and Dissolution of the Nervous System", *Medical Press and Circular*, 95: 461-462, 491-492, 511-513, 586-588, 617-620.
- Jackson, H. 1873. *Clinical and Physiological Researches on the Nervous System, No I – On the localisation of movements in the Brain*. Londres: J. and A. Churchill.
- Kussmaul, A. 1877. *Die Störungen der Sprache. Versuch einer Pathologie der Sprache*. Leipzig: F.C.W. Vogel.
- Kussmaul, A. 1884. *Les troubles de la parole*, trad. A. Rueff. Paris: J.-B. Baillièere et Fils.
- La Mettrie, J. 1748. *L'homme machine*. Leyde: Elie Luzac, Fils.
- Lalande, A. 1947. *Vocabulaire technique et critique de la philosophie*, 2 vol. Paris: PUF.
- Lanteri-Laura, G. 1993. *Histoire de la phrénologie*. Paris: PUF.
- Lavoisier, A.L. 1787. *Méthode de nomenclature chimique*. Paris: Cuchet.
- Laycock, T. 1860. *Mind and brain: or, the correlations of consciousness and organisation; with their application to philosophy, zoology, physiology, mental pathology, and the practice of medicine*, 2 vol. Edinburgh: Sutherland and Knoz, London: Simpkin, Marschall, and Co.
- Leader, D. Burgoyne, B. 2001. "Freud et ses arrière-plans scientifique". In D. Leader. *La question du genre et autres essais psychanalytiques*. 227-266. Paris: Payot.
- Leibniz, G.W. 1994. *Système nouveau de la nature et de la communication des substances*

- et autres textes*. C. Frémont (org.). Paris: Flammarion.
- Lemoine, A. 1864. *Le vitalisme et l'animisme de Stahl*. Paris: Germer Baillière.
- Lesky, E. 1965. *Die Wiener medizinische Schule im 19. Jahrhundert*. Vienne: Hermann Böhlaus.
- Lesky, E. Wandruszka, A. 1973. *Gerard van Swieten und seine Zeit*. Hermann Böhlaus: Wien-Köln-Graz.
- Lichtheim, L. 1885. “Über Aphasie”, *Deutsches Archiv für klinische Medizin*, 36: 204-268.
- Locke, J. 2003. *An essay concerning humane understanding: 1st and 5th editions*, 2 vol. Bristol: Thoemmes Press.
- López Piñero, J.M. 1973. *John Hughlings Jackson, 1835-1911: Evolucionismo y neurología*. Madrid: Moneda y Credito.
- Magendie, F. 1809. “Quelques idées générales sur les phénomènes particuliers aux corps vivants”, *Bulletin des Sciences Médicales publié au nom de la Société médicale d’Emulation de Paris*, 4: 145-170.
- Magendie, F. 1816-7. *Précis élémentaire de physiologie*, 2 tomes. Paris : Méquignon-Marvis.
- Magendie, F. 1822. “Expériences sur les fonctions des racines des nerfs rachidiens”, *Journal de physiologie expérimentale et pathologique*, 3: 276-279.
- Maine de Biran, P. 1834. *Nouvelles considérations sur les rapports du physique et du moral de l’homme : ouvrage posthume*. Paris: Ladrangé.
- Maine de Biran, P. 1859. “Nouveaux essais d’anthropologie ou la science de l’homme intérieur”. In E. Naville. *Œuvres inédites de Maine de Biran*, tome 3. 321-551. Paris: Dezobry, E. Magdeleine et Cie.
- Mazliak, P. 2012. *François Magendie, bouillant créateur de la physiologie expérimentale au XIXe siècle*. Paris: Hermann.
- Mazliak, P. 2017. *Félix Vicq d’Azyr: créateur révolutionnaire de l’anatomie comparée*. Paris: Hermann.
- Mazzolini, R.G. 2014. “Les lumières de la raison: des systèmes médicaux à l’organologie naturaliste”. In M.D. Grmek. *Histoire de la pensée médicale en Occident, volume 2: De la Renaissance aux Lumières*. Paris: Éd. du Seuil.
- Meulders, M. 2001. *Helmholtz, des lumières aux neurosciences*. Paris: Odile Jacob.
- Meynert, T. 1867-1868. “Der Bau der Gross-Hirnrinde und seine örtlichen Verschiedenheiten, nebst einem pathologisch-anatomischen Corollarium”, *Vierteljahrsschrift für Psychiatrie in ihren Beziehungen zur Morphologie und Pathologie des Central-Nervensystems, der physiologischen Psychologie, Statistik und gerichtlichen Medecin*, 1: 77-93, 198-217; 2: 88-113.
- Meynert, T. 1872. “Vom Gehirne der Säugethiere”. In S. Stricker. *Handbuch Lehre von den Geweben des Menschen und der Thiere*, 2 Bande. 694-808. Leipzig: Wilhelm Engelmann.
- Mill, J. S. 1859. “Bain’s psychology”, *Edinburgh Review*, 110: 287-321.

- Monzani, L.R. 1991. *Discurso filosófico e discurso psicanalítico: balanço e perspectivas*. In Filosofia da psicanálise. B. Prado Júnior, L.R. Monzani e O.F. Gabbi Júnior. 109-138. São Paulo: Brasiliense.
- Nicolas, S. 2005. *Théodule Ribot : Philosophe breton, fondateur de la psychologie française*. Paris: L'Harmattan.
- Normand, J-F. 1803. *Exposition de la doctrine physiologique du docteur Gall, ou nouvelle théorie du cerveau, considéré comme le siège des facultés intellectuelles et morales*. Paris: Henrichs.
- Obersteiner, H. 1885. « Der Hypnotismus », *Monatsblätter des wissenschaftlichen Klubs in Wien*, 6: 101-114.
- Obersteiner, H. 1888. *Anleitung beim Studium des Baues der nervösen Centralorgane im gesunden und kranken Zustande*. Leipzig und Wien: Toeplitz & Deuticke.
- Obersteiner, H. (org). 1891. *Die Privatheilanstalt zu Ober-Döbling. Wien, XIX. Bezirk, Hirschengasse 71. II Bericht über ihre Leistungen der Anstalt vom 1. Juli 1875 bis 30. Juni 1891*. Leipzig und Wien: Franz Deuticke.
- Olesko, K.M. Holmes, F.L. 1993. "Experiment, Quantification, and Discovery. Helmholtz's Early Physiological Researches, 1843-1850". In D. Cahan (org). *Hermann von Helmholtz and the foundations of nineteenth-century science*. 50-108. Berkley and Los Angeles: University of California Press.
- Padovan, C. 2018. *Les origines de la méthode psychanalytique, une étude d'histoire conceptuelle*. Doutorado, Université Paris Diderot – Paris 7.
- Paschoud, A. Pépin, F. 2017. *La Mettrie, philosophie, science et art d'écrire*. Paris: Éditions matériologiques.
- Picavet, F. 1891. *Les idéologues: essai sur l'histoire des idées et des théories scientifiques, philosophiques, religieuses, etc. en France depuis 1789*. Paris: F. Alcan.
- Pichot, A. 1994. "Présentation". In X. Bichat, *Recherches physiologiques sur la vie et la mort*. 8-49. Paris: Flammarion.
- Platão. 1973. *Diálogos: Teeteto – Crátilo*, trad. C.A. Nunes. Belém: UFPA.
- Pouliquen, Y. 2013. *Cabanis: la vie d'un idéologue*. Paris: Odile Jacob.
- Poyer, G. 1910. *Cabanis*. Paris: Louis-Michaud.
- Puschmann, T. 1884. *Die Medizin in Wien während der letzten 100 Jahre*. Viena: M. Perles.
- Putnam, J.J. 1873. *The Anatomy of the Mammal Brain*. New York: J.B. Lippincott & Co.
- Renneville, M. 2000. *Le langage des crânes: une histoire de la phrénologie*. Paris: Sanofi-Synthélabo.
- Ribot, T. 1881. *Les maladies de la mémoire*. Paris: G. Baillière.
- Ricœur, P. 1865. *De l'Interprétation, essai sur Freud*. Paris: Éditions du Seuil.
- Rokitansky, C. von. 1842-6. *Handbuch der pathologischen anatomie*, 3 vol. Viena: Braumüller & Seidel.
- Schwann, T. 1839. *Mikroskopische Untersuchungen über die Uebereinstimmung in der*

- Struktur und dem Wachstum der Thiere und Pflanzen.* Berlin: Sander'schen Buchhandlung.
- Segundo Walusinski, O. 2017. “Disciples méconnus de Jean-Etienne Esquirol : Jean-Baptiste Delaye (1789-1878), André-Pamphile Rech (1793-1853), Antoine-Marie Chambeyron (1797-1851)”, *Annales Médico-Psychologique*, 175: 307-309.
- Serres, E.R.A 1824. *Anatomie comparée du cerveau, dans les quatre classes des animaux vertébrés, appliquée à la physiologie et à la pathologie du système nerveux*, 2 vol. Paris: Gabon et Compagnie.
- Simanke, R.T. 2019. “Freud e sua Bahnung (facilitação) na história das teorias dinâmicas da memória”, *Modernos & Contemporâneos*, 3(5): 97-126.
- Simanke, R.T. Caropreso, F. 2018. “Considerações preliminares acerca de um método histórico conceitual para a pesquisa teórica em psicanálise”. In Fulgêncio, L.; Birman, J.; Kupermann, D.; Cunha, E. L. (eds.). *Modalidades de pesquisa em psicanálise: métodos e objetivos*. 55-68. São Paulo: Zagodoni Editora.
- Trousseau, A. 1864. “De l’aphasie, maladie décrite récemment sous le nom impropre d’aphémie”, *Gazette des Hôpitaux civils et militaires*, 37: 13-14, 25-26, 37-39, 48-50.
- Verbeek, T. 1988. *Études sur les sources du matérialisme de La Mettrie et sur ses rapports avec les courants de pensée de la première moitié du XVIIIe siècle*. Utrecht: OMI.
- Virchow, R. 1858. *Die Cellularpathologie in ihre Begründung auf physiologische und pathologische Gewebelehre*. Berlin : August Hirschwald.
- Wernicke, C. 1874. *Der aphasische Symptomenkomplex. Eine psychologische Studie auf anatomischer Basis*. Breslau: M. Cohn & Weigert.

Revista digital: www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/modernoscontemporaneos



This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License.